

A péla e sua gente

Maria do Carmo Soares de Freitas

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FREITAS, MCS. *Agonia da fome* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Salvador: EDUFBA, 2003. 281 p. ISBN 85-8906-004-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O Péla e sua gente

O nome desse lugar é Esperança, mas não pegou, porque ninguém tem esperança de mudar de vida. Aí ficou esse. Lugar antigo de pelar porco pra vender no mercado. Mas, aqui não tem mais porco. Tem um bando de moradores que vivem que nem porcos, porque não tem opção. Ninguém aqui tem esperança até de viver amanhã (Sílvia).

.....
Às vezes, eu converso assim com Deus:

Meu Senhor, onde eu estava com a cabeça quando pedi pra voltar?

Quando pedi pra nascer de novo?

Como é que eu ia saber que eu vinha pra esse inferno?

Como é que eu não vi isso, antes de nascer nessa seca de água, de amor, de tudo? Eu já vi demais de tudo. Já vi como é o inferno.

Quando eu for outra vez, com toda a minha fé em Deus, eu não vou mais voltar. Voltar pra que?

(Tiêta nasceu no sertão da Bahia e vive a mais de 20 anos no Péla).

Convido o leitor a conhecer esse inferno de Tiêta e de milhares de outras pessoas que não têm qualquer expectativa de viver sem fome. A etnografia é o caminho que encontro para interpretar esse mundo violento, um método que me permite descrever os modos de viver na cena cotidiana e as diversas maneiras de como os atores experimentam uma fome crônica e persistente, em meio a outros problemas sociais. Como eles se percebem no mundo e interagem nas relações sociais para sobreviver são, entre outras, as questões aqui colocadas, advindas de minha observação no bairro.

Descrevo as unidades domésticas; em particular, a biografia de membros da família, em geral a mulher, como principal informante e a maior responsável pelo cuidado alimentar de sua unidade. A observação da vida deixa-me, ao menos, compreender a forma como cada membro reproduz o sistema social de símbolos e valores em sua vida pessoal, sobretudo em relação às concepções do fenômeno estudado, vez que, é nesse contexto específico que aparecem símbolos significativos, impressões, sentimentos e visões, a inscreverem-se como textos da condição de privação.

Assim, como observadora, obtenho um conhecimento mínimo da cultura de fome, tratando de resgatar não apenas as estratégias retóricas a respeito de um mundo reduzido a partir do texto dado pelos atores sociais, como também o sentido prático do mundo social, de como eles vivem e enfrentam a fome.

Eles narram enquanto prepararam os alimentos ou outros afazeres domésticos, ou saindo para o trabalho, dentro e fora da casa, com uma certa ordem sintagmática, num encadeamento seqüencial, em seus mundos diários. Para cada tarefa, um texto sugere a reflexão sobre situações da vida, como se o “fazer algo” se relacionasse a um modo de ver e de sentir o corpo no mundo. São atitudes naturais, em que as atividades diárias significam o tempo dos dias, e a preocupação com as questões da sobrevivência ocupa esse tempo sem perder de vista os outros sentidos da vida.

Para mim, todo um exercício (de ver e ouvir) para interpretar é uma aprendizagem que se constitui na tarefa de delinear a interação simbólica do dia-a-dia desse grupo social, suas ações, suas definições, as maneiras de compreender o mundo e a fome. Mesmo que haja diversas leituras sobre o uso da observação participante, nas escolas de pensamento da Antropologia (HAGUETTE, 1992: 69), essa técnica desvenda algumas das lacunas deixadas pelas narrativas, revela códigos e seus significados mais íntimos (BÁZTAN, 1995:10-14). E como observante, ainda que eu tenha códigos de referências distintos desse grupo, ainda que seja uma estranha no mundo deles, e estranhe muitas coisas de seu ambiente, procuro sentir-me co-presente no convívio com eles, os moradores do Péla.

De fato, para o exame de como se constitui essa comunidade, o diálogo é o mais amplo possível. Também, parto da pressuposição de que a linguagem pode trazer elementos que nem sempre estão no plano da realidade objetivada, e por isso utilizo a entrevista semi-estruturada como um dos recursos para a revelação dos sentidos, as diferenças e semelhan-

ças sobre o pensar o corpo, a fome e os vários assuntos humanos sensibilizados em suas expressões. Os aspectos subjetivos da linguagem simbólica e a restauração da experiência dos famintos são proeminentes para a análise das narrativas.

Nesse mesmo tempo e espaço, os informantes afirmam suas expectativas e suas memórias relacionadas aos múltiplos mundos de outras narrativas sociais, públicas e culturais (SOMERS, 1994: 605-649). São as informações, conexões e substituições da linguagem a inscrever o conjunto das coisas cotidianas, donde tudo interessa e significa sem cessar, para a construção de um texto o mais próximo possível da realidade.

As experiências de fome aproximam-se uma das outras na conformação de um mundo cotidiano intersubjetivado, compartilhado, vivenciado por outros que também experimentam situações semelhantes, e por isso podem ser interpretadas de modo semelhante. As diferenças e similitudes entre as pessoas formam um acervo de saberes (pensamentos e práticas), fundados na experiência subjetiva do mundo cotidiano, ordenado em dimensões temporais, espaciais e sociais de cada situação vivida.

Do referencial teórico utilizado, descrito mais adiante, distingo os conteúdos veiculados ao tema, tomando como indicativo básico o conjunto de significantes implícitos na condição do ser-faminto. O que significa dizer que o foco – o cotidiano e as experiências de fome – alude sentidos significantes que se conectam aos contextos particulares das unidades domésticas que, por sua vez, são relacionados às questões sócio-históricas, as quais andam juntas aos significados encontrados.

Foi nesse bairro, no período de 1983 a 1990, que trabalhamos, professores e alunos do curso de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, recuperando os casos de desnutrição infantil, utilizando recursos específicos, tais como suplementos de soja e a cesta básica do Centro de Saúde vizinho, ao tempo em que discutíamos com a população a melhoria do

bairro junto à sua associação, com várias atividades como a educação para a saúde, as oficinas de trabalho e lazer (naquela época, já percebia a dificuldade dos moradores em usar a palavra fome em seus discursos). Em 1987, por reivindicação dos moradores, foram construídos, o saneamento básico e as escadarias de cimento, em ações promovidas pelo governo e com a utilização da mão-de-obra dos moradores. E após dois anos, houve uma redução da desnutrição aguda nos menores de cinco anos. Lembro que eram semanais as reuniões na comissão de saúde da Associação de Moradores, em cujas pautas constatavam a visita aos desnutridos, a ênfase ao aleitamento materno, o cuidado com a criança. Do alto-falante do bairro, a cada momento, escutavam-se mensagens sobre a higiene, o risco das verminoses e outros temas. E seis da tarde, no horário da Ave-Maria, um morador lembrava o ninado das crianças, como uma medida de evitar o espancamento e outros maus-tratos.

Passados sete anos, retornei ao bairro e fui tomada por uma forte emoção pela constatação de muitas mudanças no interior desta realidade. A visível degradação econômica e social, pela desocupação dos membros das famílias e a falta de projetos na comunidade, associadas à expansão do comércio de drogas, deixou-me a impressão de ser esse, um ‘outro’ bairro. Esperava a continuidade do trabalho iniciado antes, como a luta por cidadania, a ampliação da escola (não a sua extinção), as crianças sendo atendidas no centro de saúde, as grávidas nos pré-natais, a manutenção do saneamento básico pelos poderes públicos etc.

A minha impressão inicial, no impacto do familiar pelo estranho, foi a de uma exclusão social ainda maior que no passado. Talvez, mais que uma exclusão, predomine nos moradores um sentimento de rejeição social, pois eles não têm qualquer referência de melhoria de vida, já não se reconhecendo como comunidade, dada a violência exacerbada dentro e fora de suas moradas. Ao comparar o cenário atual com os anos ante-

riores, notei modificações nas casas: os pequenos jardins e quintais deram lugar aos novos domicílios, e as salas ficaram reduzidas ou deixaram de existir; não há mais plantas nas portas, nem vasos a enfeitar o interior das mesmas casas do passado, nem se vê com frequência os papéis recortados em mosaicos sobre as prateleiras das paredes.

A experiência daquela época não foi esquecida e, por isso, várias pessoas solicitaram-me uma visita, uma conversa sobre a comida das crianças e outros temas, como fazíamos antes. Dessa aproximação, as observações, as narrativas e tantas reflexões, constituíram um diário de campo como um testemunho desse estágio de poucos meses.

Para as antigas lideranças, esta etnografia serve para “denunciar as condições de fome do povo” (Renilda), porque “só gente letrada pode levar para fora o que se passa aqui dentro” ou ainda, “todo mundo tem de saber como é que a gente vive” (Sílvia). Elas dizem reconhecer a fome como um produto da desigualdade social, e minha presença passa a servir de aporte às suas reflexões sobre esta condição humana. Nesse sentido, elas não rejeitaram o tema da investigação e dessa aceitação abriu-se a possibilidade de iniciar o trabalho de campo com a história do bairro, das famílias, das pessoas e as primeiras entrevistas.

Desde o re-encontro com os vários moradores conhecidos, eles se organizaram para um permanente acompanhamento do trabalho de campo, para me proteger de uma nova violência instalada no lugar desde os últimos quatro ou cinco anos. Nesse cuidado, eles também delimitaram a área da investigação, e o lugar conhecido como Campo e duas das inúmeras travessas do bairro não foram visitadas.

O conhecimento prévio deste universo evocou das forças sociais que jogam na produção da fome uma série de categorias identificadas em campo, como as percepções e as práticas cotidianas sobre esse fenômeno, e outras indicações do contexto social, a saber: desemprego, renda

familiar, violência, as quais englobam o que se denomina de condições materiais objetivas, concretas.

Assim, para obter uma idéia mais ampla da comunidade, elejo unidades domésticas que sobrevivem com menos de um salário mínimo, outras que recebem até dois salários e algumas que não declaram renda, mas dizem viver em condições de fome. No decorrer da investigação, associo esses dados aos níveis de escolaridade, origem, tipo de ocupação das pessoas, suas comidas cotidianas etc.

As dúvidas e as questões nascentes a cada passo, a cada encontro mesclam-se aos detalhes das diversas situações. E das expressões colhidas, elaboro uma descrição minuciosa de como as pessoas interpretam suas vidas de fome. Em particular, destaco os aspectos subjetivos, as pausas e silêncios nas entrevistas, os signos narrados ou quando, de olhos fechados, os informantes suspiram ou gemem, alternando a necessidade de distanciamento do tema ou de uma comunicação com o divino.

O encontro com a temática da fome não se deu de maneira simples. Durante os oito meses de trabalho de campo, entre as ruas do bairro, as escadarias e o interior das habitações, surgiram impressões pessoais, aspectos gerais, coisas comuns e incomuns aos meus olhos, hábitos e termos que iluminaram e, por vezes, obscureceram a temática. No dia-a-dia, decifro códigos, gestos, um sorriso dos pequenos traficantes, uma proximidade, um aviso: "...aqui não é lugar pra você", ou ainda: "... quer que eu vá mais a senhora, lá em cima?".

Das dificuldades encontradas para ampliar o leque de visitas, considero como mais importante o sentimento de medo por parte dos moradores da presença ostensiva e violenta da polícia em dias de terças e sextas-feiras, e os tiroteios dos conflitos entre os grupos do comércio das drogas, que transformam as ruas em desertos, em pleno dia. Por estas e outras razões, não foi possível tirar qualquer fotografia da área ou das pessoas.

Muitas vezes, o disfarce de minha falsa indiferença em relação aos horrores revelados, propiciou-me a aproximação de alguns grupos do tráfico de drogas e de suas famílias, os quais abriram suas crenças, seus sentimentos mais íntimos, seus medos. Após muitas horas de gravação, alguns informantes se recusaram a dar entrevistas dentro do bairro, por temerem alguma reação adversa da polícia ou de grupos do tráfico. Finalmente, deixei o campo por solicitação dos traficantes, cuja ordem de afastamento tornou-se ainda mais clara no dia seguinte ao assassinato de cinco meninos, dentro do bairro, tidos como devedores de *crack*.

A tentativa de descortinar a cena social para reconstruí-la com outros elementos do cotidiano, deu início, lentamente, a este trabalho junto aos moradores, com suas vidas no mundo diário, a formação do bairro etc.

.....

A maioria que chegou aqui, era retirante de outros Estados e daqui da Bahia mesmo. Sem ter onde morar, foram chegando, uns chamando uns aos outros, e iam trabalhando de limpador de rua. Essa gente toda que chegava de repente, construía os barracos da noite pro dia. Foi virando favela. Todo mundo invadia. Quando a prefeitura descobria que a quantidade de barracos ia aumentando, aí vinha e derrubava. Era barraco de taipa, de papelão. Quando não tinha ninguém em casa, eles tocavam fogo. O terreno era do INPS e o diretor dizia que tinha que queimar tudo, acabar com as casas, que aqui era um antro de marginal. Naquela época só tinha pai de família, trabalhador, que por necessidade da vida estavam invadindo o terreno. Como eu e outras pessoas. Hoje o bairro tem menos operários. Não tinha água, não tinha luz. Comecei a me apaixonar pelo lugar. Nós aqui, cercados pela burguesia. Nenhum de nossos filhos eram aceitos nas escolas públicas vizinhas. Não nos queriam. Sempre fomos marginalizados pelos vizinhos, como se a gente fosse piolho (Renilda).

Na geografia da fome de Salvador, destacam-se, sobretudo, os bairros periféricos. Conforme a conversa com as pessoas mais antigas do bairro, os pobres da cidade estão segregados em espaços nomeados desde o início do século como “periferia”, “subúrbio”, “rocinha”, “lugar de negro” e “lugar de pobre”. A partir dos anos 60, passam a ser conhecidos também como, “invasão”, “favela” ou apenas “bairro” ou “barrio”. Mais tarde, quando o movimento popular reinicia sua luta política, em meados dos anos 80, adquirem a terminologia “bairro popular”, insistentemente colocada pelos moradores como um modo de caracterização de classe e, portanto, de luta, rompendo com as definições criadas pelo poder político.

Entretanto, mesmo entre os bairros de classe média, no centro da cidade, encontram-se lugares de pobreza, senão de miséria total, onde se amontoam cortiços, becos, ou “avenidas” (conjunto de pequenas casas geminadas), com famílias que enfrentam a fome, como parte de seus cotidianos. Enquadra-se aí o Péla, como é conhecido na cidade, esse sub-distrito do bairro de Santo Antônio, registrado como Favela Alto da Esperança, com 369 domicílios particulares, 23 estabelecimentos comerciais e um total de 1.427 pessoas, entre 674 homens e 753 mulheres, conforme o censo de 1996 (FIBGE).

Situado no centro comercial da parte mais antiga de Salvador, o Péla era, até os últimos anos da década de 60, parte do cenário da principal porta de entrada da cidade. A área, conhecida como a ribanceira de acesso à rodoviária, era um grande terreno acidentado de mata cerrada. Lugar onde se abatia e se pelavam porcos para serem comercializados no mercado das Sete Portas, dos anos 20 à década de 60. E foi a partir das sucessivas secas dos anos 60 que alguns migrantes do sertão da Bahia e de outros Estados do Norte e Nordeste passaram a habitar essa antiga mata. Eram, aproximadamente, vinte famílias baianas, paraibanas, alagoanas, pernambucanas e paraenses que se apossaram da parte baixa do terreno, naquele tempo.

Os primeiros que chegaram demarcaram o território com um acordo, para um lado e outro de uma imensa jaqueira. Nessa divisa, ruas e ruelas foram abertas pelos moradores, dando lugar à separação por ordem de chegada dos migrantes, nascendo a rua dos Paraibanos, do povo de Alagoinhas (município da Bahia), do Sertão ou da Seca etc. Hipoteticamente, da divisão nasceram diferenças sociais entre o que se consideram “o povo de baixo e o povo de cima”, criando mais tarde outras nomenclaturas, como “gente de trabalho”, “gente de briga”, “gente barra pesada” etc.

A formação dessas microrregiões do bairro, ademais da originalidade dos moradores, modificou-se, principalmente desde os últimos cinco anos, com a maior influência do tráfico de drogas. As novas áreas conformam os espaços nomeados como o lugar “de fulano e sicrano”, numa subdivisão que se mescla com as mais tradicionais, a Rua Direta, de Cima, Pantaleão, Jaqueira, Vila Antônia, Paraíbas, Campo, Becos, Travessas e o Miolo dos Alagoanos. Aparentemente separados por grupos de origem, as relações adquiriram regras formalizadas de convivência.

A rua Direta representa hoje a mais importante do bairro. Com aproximadamente 500 metros de extensão, estão aí situadas as melhores casas, abrigando também um pequeno comércio de *videogames*, padaria, alguns bares, salão de beleza, oficina de carros, marcenaria e a escola pública do primeiro grau até o final de 1998. Faz limite com a entrada do bairro, na parte baixa próxima à movimentada avenida do comércio local, um muro branco e alto (dois metros de altura), que abriga, desde 1982, um Centro de Saúde. Os moradores procuram normalmente esses serviços, embora o considerem “fraco”, por carecer de outros necessários à população, como um setor de emergências e tratamento antidroga.

.....
Esse postinho aí só tem tamanho, não serve pra a gente; não tem

pronto socorro, só serve pra dar vacina e uns conselhos, mais nada (Regina).

.....
Aí só tem uma médica boa, o resto pensa que a gente é porco [...] são um bando de enfermeira e médico tudo grosso, tem nojo da gente (Val).

Os mais antigos moram nas ruas planas, e outros, que chegaram mais tarde, passaram a habitar o alto dos morros, as escadarias, os batentes, os becos. Atualmente, por falta de espaço, o bairro cresce no sentido vertical, com pequenos prédios amontoados por todo o território, numa arquitetura incerta, com uma clara divisão social entre os pobres e os mais pobres, em meio aos becos, à planta baixa e aos morros. Um conjunto próprio de uma densidade populacional que se acomoda em espaços gerados para dar lugar às casas de dois e três andares. Esses apartamentos aparecem como novas propostas de moradias, antes pouco conhecidas, e o termo barraco, utilizado para definir a pequena habitação, é uma nomenclatura referida apenas por antigos moradores.

E quanto mais eu entrava em estreitos e escuros becos, com odores de fezes e urina, mais via habitações empobrecidas. As casas de alvenaria ou madeirite, nos becos, nas pontas dos morros, travessas e escadarias, são quase sempre úmidas e pouco iluminadas. Num quarto ou num vão, onde vivem muitas pessoas, elas se servem da água de torneiras coletivas que são os pontos comuns de encontro das mulheres na lavagem de roupas e utensílios. Aqueles com melhores condições econômicas vivem em casas maiores, situadas em ruas e geralmente com mais de dois ou três cômodos (sala, quarto, cozinha e sanitário intradomiciliar).

.....
Os mais pobrezinhos aqui vivem no Campo, no Miolo e nos quartos de beco. Só de olhar o lugar deles a gente já vê que não têm o que comer (Lourdes).

.....
Aqui, uns moram e outros se escondem (Madá).

De quem se escondem ? A descrição dos moradores sobre os que moram e os que se escondem leva em conta a existência de uma pobreza maior dentro do bairro. Desse ponto de vista, as narrativas de alguns moradores tendem a explicitar a fome combinada ao tipo e ao local do domicílio. O escondido corresponde àquele que vive em piores condições ou é perseguido pelo inimigo. Mas em geral, estar escondido é viver sem a luz do sol a iluminar a morada, que no contexto de violência são os locais escuros, os mais atrativos para os assassinatos pelo tráfico.

Para alguns moradores, a casa representa a vida de fome de seus habitantes, acostumados a esse processo. Para outros, mesmo que haja alguma relação entre o tipo de habitação e a fome de seu habitante, há diversas interpretações que, por vezes, revelam a supressão do mundo aparente, e apresentam outros objetos que encarnam a verdadeira razão da condição de fome. Pois, “todo mundo tem medo de não ter o que comer” (Tiêta), porque “aqui ninguém se salva, nem quem tem casa boa, nem quem não tem” (Sílvia). Na realidade, os moradores, de maneira geral, são impulsionados a pensar e a agir sobre a fome cercando-se de distintos símbolos, cujos significados independem da aparência das suas casas, embora, num dado momento, tenham metáforas intimamente relacionadas à fome construídas por quem vive “nos becos da morte”.

A maioria das casas não tem reboco nem pintura. As portas são trancadas com cadeado e algumas janelas estão situadas acima da altura dos adultos. Casas modificadas com tábuas, outras com grades de ferro ou como cavernas de chão de barro batido, como escuros esconderijos. Em espaços como esses, vi, através de frestas das portas, crianças presas, sozinhas. No interior de uma das casas, uma criança, com menos de três

anos, estava com uma perna amarrada de corda à mesa e um cachorro tomava conta. Às vezes, uma vizinha lhe dá “água e restinho de comida”. E diz: “isso é filho de bandido, é gente da pesada”.

O conjunto de objetos gasto faz par com os pisos e paredes sem rebocos, telhas envelhecidas e quebradas. Um habitar que parece provisório, nessas casas em permanente construção. Prédios em precárias condições, saturados de subdivisões para abrigar parentes e agregados, formando um movimento labiríntico tanto interna como externamente. Escadas do lado de fora a dar acesso ao andar superior, chão de madeira sobre esgotos etc. Numa engenharia cuja técnica rudimentar de construção não traz segurança aos habitantes. Muitas, ainda se encontram penduradas nos morros e sobre os terrenos alagadiços, sem água intradomiciliar e sem sanitário. Também as coletivas, onde habitam vários grupos domésticos, não têm qualquer condição de manter a higiene pessoal.

O lixo das unidades domésticas é recolhido pelos moradores às caixas coletoras nas duas principais entradas do bairro. Mas, como isso nem sempre ocorre, o resultado é a sujeira nas proximidades das casas, nas escadarias e junto aos esgotos, em vários pontos do bairro. O jeito de viver na miséria anuncia a presença constante do lixo como um complemento de sentirem-se como restos sociais.

.....
Isso é falta de responsabilidade da prefeitura (Renilda).

.....
Só branco tem serviço de apanharem o lixo das portas, a gente aqui tem que descer ou subir pra levar até o tonel. Aí tem gente que se revolta e joga assim, por isso tem tanto rato dentro de casa (Lourdes).

“Quem chega no bairro por baixo, vê logo aquela subida do lado, lá só vive gente ruim” (Joana). A Vila Antônia representa o lugar de mora-

da do grupo mais visado pela polícia, e por esta razão, destaca-se como o espaço mais fechado de todo o bairro. Recebeu o nome de Antônia em homenagem a uma antiga moradora que abriu sozinha uma rua larga, morrendo de “facão na mão”, após tanto esforço.

De todo o território, esse espaço se diferencia por sua história de “gente que parece umas feras”, “lugar de gente perigosa” etc..¹ Seus moradores formam ainda hoje um condomínio que se assemelha a uma grande família. De fato, no início dos anos 70, D. Judite, seus onze filhos e vários agregados chegaram aos poucos dos municípios baianos de Santo Amaro e Cachoeira e tomaram conta da Vila. Nesse morro, vivem hoje cerca de cem unidades familiares. Construíram casas, cercaram a entrada principal e permitiram a vinda de migrantes de outros bairros. Passados tantos anos, os descendentes dessa família continuam dominando o lugar. Envolvidos, desde muito tempo no tráfico de maconha, assaltos e furtos, são temidos e considerados por outros moradores como “gente ruim” porque “podem roubar e matar qualquer um daqui”. Os que vivem próximos revelam que:

.....
Tem anos que ninguém daqui quer entrar lá. E nem quando tinha o terreiro de D. Geralda a gente ia lá. O terreiro não deu certo e não tem igreja que fique lá dentro. É tudo contaminado de tudo. Tem gente que mata por causa de um pedaço de pão [...] Lá começou com uma família de bandido, aí foram chamando os outros de fora (Laura).

.....
Eu moro aqui tem vinte anos e nunca entrei lá. Todo mundo sabe que ali não tem jeito (Tiêta).

Foi na Vila que, em 1984, ficamos, J. e eu, trancados por algumas horas, num pequeno quarto, quando ele me convidou a ver seu filho

“desnutrido”. Tratava-se de uma mentira. E sentado na cama ao meu lado, ele falou de sua mãe bêbada e das dificuldades em conseguir trabalho para mudar de vida. A maior autoridade do lugar mostrou-me um outro lado da sobrevivência dos perseguidos pela polícia. A necessidade dele era dar esse conhecimento, a seu modo. Como sua prisioneira, pude ouvir o que ele considerava fundamental e sentir o que ainda não conhecia do bairro. Depois dessa prova, ele avisou aos moradores que ninguém poderia tocar-me, pois eu estava sob sua proteção. J. era um “marginal perigoso, antigamente” (Josival, irmão de J.), “ele matou a mulher lá no interior, de peixeira, e ficou escondido dentro de casa mais de mês” (Laura). Hoje, envelhecido, sisudo e cansado, diz que quer se aposentar do crime, porque “não consegue correr mais como antes”.

O antigo campo de futebol também deu lugar a uma nova invasão. Conhecida como morada de ladrão, “ninguém entra, nem a polícia” nesse enorme vale com suas duas entradas vigiadas por moradores que comercializam o *crack*. Toda a luz elétrica está clandestinamente ligada aos postes das ruas do bairro de classe média que fica no alto, não havendo água intradomiciliar, nem tonéis para a coleta de lixo.

Com o crescimento populacional da cidade, em meio à ausência de políticas sociais, diversos problemas se avolumam, como a falta de vagas nas escolas e de estímulo para uma formação profissional mínima, restando aos jovens das camadas populares poucas opções.

É nessa realidade que o Péla, com o fim do movimento social reivindicativo em 1992, passa a conviver com a presença ostensiva do tráfico de drogas, um aumento considerável se comparado aos anos 80, quando seus moradores, conhecidos como “gente de briga” pela mídia, segundo depoimentos, conseguiram conquistas importantes, como a legalização do terreno, água, saneamento básico e escadarias em algumas áreas. Nesse período, era pequeno o número de assassinatos no bairro, e

hoje não é raro encontrar corpos de jovens fuzilados, com mãos amarradas, nos becos e travessas de acesso.

Em meio a esta guerra social, também observo a insatisfação dos moradores em relação à sujeira do lixo que se avoluma em suas portas, e a destruição dos canos dos esgotos, permitindo exalar cheiro de fezes e urina em vários pontos do bairro.

Quanto à situação de fome, conforme os entrevistados: “... tem mais que antigamente” ou “piojou muito”, ainda que o resultado do exame antropométrico das crianças mostre uma redução da desnutrição infantil². Uma contradição envolta no crescimento visível da mendicância, e no aumento de pessoas que sobrevivem dos restos e sobras dos mercados e das casas de lanches próximas ao bairro; uma situação pouco vista no passado, quando se recolhiam alimentos do lixo de tonéis e do chão, apenas à noite ou de madrugada, devido ao sentimento de humilhação que os moradores sentiam nessa atividade. Diferentemente do passado, hoje é comum ver a multidão sobre os lixos, a qualquer hora do dia.

Com o tráfico de cocaína, *crack*³ e maconha, os moradores tornaram-se visados pela polícia, tendo suas casas vasculhadas a qualquer hora e sofrendo freqüentes ameaças de prisão, muitas vezes arbitrariamente. As chamadas “noites de terror” são representadas pelas batidas policiais, que se configuram como uma ameaça permanente aos moradores. Com isso, as crianças brincam raramente nas ruas e, em muitas ocasiões, o espaço social fica deserto quando as gangues dos traficantes assim determinam. “Ninguém sai, ninguém entra em casa nem no bairro. Eles mandam avisar pra a gente não sair” (Renilda). O clima é de terror e medo, como descreve a canção de alguns jovens:

.....
Sempre cabe mais um na vida do crime
Quando chega o barão todos metem a mão

Querendo superar a sua atitude ou a sua concorrência
Não deixando ninguém em paz
E lá estão eles, cada um com o seu copo esquerdo e a pedra na mão,
Bancando a sua presença / (venham, venham, venham)
Dê mais um pau pra ficar legal (bis)
Alguns ouvem a palavra do senhor
Para tirar de tempo
Eu já vi muitos moleques nascendo
E outros morrendo e saraivado à bala
E ninguém faz nada
Nem se manifesta pra nada
Parece até que não temos voz ativa
(demoramos, mas achamos a nossa)
Um otário de farda aqui, é natural pra mim
Vendo mais um corpo estirado no chão
Só depois de muito tempo que chega o rabeção
Porque de boca em boca, mais um tiro na boca
De mão em mão, mais um cadáver no chão
Pra quem mora aqui todo dia é igual
Ver linchamento é natural
Ele tentou correr e até gritou
Ninguém deu ouvido
Ninguém queria saber de nada
Cada um queria tirar a sua lasca
E o linchamento prosseguiu
Depois de muito tempo ele se recuperou
Tentou fazer justiça com as próprias mãos
Depois ele se tocou
Que a malandragem vacila demais

De boca em boca, mais um tiro na boca
De mão em mão, mais um cadáver no chão⁴.

Muitos dos rapazes e moças, que hoje se ocupam da venda de drogas, foram “nossas crianças desnutridas” do passado. Sem escolaridade e sem emprego, são facilmente atraídos pelo comércio da droga, cuja menor remuneração não é inferior a R\$ 300,00 por mês.

Ao lembrar a experiência anterior, vinham imagens e nomes enquanto percorria as ruas:

-
- E Almir? (perguntei).
 - “A polícia matou na cadeia” (Sílvia).

Ele tinha uns 25 anos, quando nos ajudava no trabalho de recuperação da desnutrição das crianças, naqueles anos oitenta, acompanhando-nos e participando das reuniões. Lembro do seu interesse em melhorar as condições sanitárias do bairro. E fiquei sabendo apenas agora, passados mais de 10 anos, que desde aquela época, ele matava e enterrava os corpos ali mesmo no chão do bairro. Não só matava como esquartejava suas vítimas e as colocava nos tonéis de lixo. Era temido porque virou uma fera, segundo Sílvia. Depois de sua morte na cadeia, apareceram mortos a tiros, em sua casa, a sua mãe e seus três irmãos. Uma “limpeza”, como me disseram.

-
- Cadê Geraldo ?
 - “Cala a boca, mulher. Você está chamando o demônio? Ele é o maior assassino, o chefe daqui” (Sílvia).

Ao encontrá-lo, em seguida, ficamos face-a-face, em silêncio, e ele levou a minha mão até o seu peito magro e negro, com tatuagens de

serpentes azuis. Parecia ter outra vez 10 ou 12 anos de idade, e não 26. Seus olhos lacrimejaram ao dizer que passou pelo inferno da cadeia. Minha mão continuava segura à sua, em seu peito: “Eu fiquei preso seis anos. Passei uma parte de minha juventude na penitenciária. Fiz muita besteira. Agora tem cinco meses que estou aqui de novo. Quero começar minha vida, limpo. Tenho duas mulheres grávidas, as duas moram aqui na rua”. Fiquei com o olhar ancorado naquele homem alto e cheio de correntes envoltas ao pescoço. Disse-me que queria deixar de ser marginal, queria um trabalho de vigilante, porque não estava mais acostumado a dormir à noite. Queria aprender um ofício.

Segundo os moradores da Vila Antônia, desde jovem ele se envolveu em furtos. Sem pai e com a mãe muito doente, “teve de ganhar dinheiro muito cedo [...] ele foi preso em flagrante quando assaltou e matou. A mãe morreu logo depois disso” (Sílvia). Passado um mês do nosso encontro, soube que “o coração dele parou depois da seringa. Caiu duro de junto da droga” (Ana). Dizem que ele estava sozinho, em casa, naquela tarde de uma sexta feira. “Ele morreu de overdose, ele não tinha ninguém, tinha umas namoradas, uns amigos, mas eu acho que ele precisava era de uma família (Sílvia)”.

Os grupos domésticos, em especial, as unidades, em cada contexto particular, geram práticas familiares que expressam valores, crenças e aspirações, que são vividas dentro do espaço do cotidiano, como parte de um hábito, importante na conformação dos indivíduos. O *habitus*, um processo pelo qual o social se interioriza nos indivíduos, contribui para que as estruturas objetivas se articulem com as subjetivas (BOURDIEU, 1989: 61). Desse modo, as atividades, no âmbito doméstico, cumprem não só a função da manutenção cotidiana, mas também a de transmitir, de uma geração à outra, aspectos ideológicos, esses que também fundam distâncias sociais no conjunto da sociedade (OLIVEIRA & SALLES, 1988:11-36).

As ações se tornam habituais e conservam seu caráter significativo para o indivíduo, como parte do acervo de conhecimentos incluídos na rotina e que, inevitavelmente, centra-o em sua realidade. E são as relações de parentesco e afinidades que produzem certos *habitus* para a manutenção das necessidades básicas.

A família é o ponto de referência, cujos valores e sistemas de códigos permitem ao indivíduo apreender e reproduzir sua realidade (GONZÁLEZ, 1993: 322). Por essa razão, utilizo o âmbito familiar e, mais particularmente, a unidade familiar doméstica, como paradigma, por ser nesse espaço que seus “membros estabelecem relações de convivência, trocam experiências, acumulam saberes e habilidades” (TRAD & BASTOS, 1998: 430). Também, é nessa instância, formada por laços de parentesco real ou fictício, biológicos ou não, que são organizados diferentes arranjos domésticos, dos membros que partilham a mesma residência (SARDENBERG, 1997: 7).

Na análise das ações concretas para o enfretamento da fome, considero as práticas dos indivíduos que compartilham e organizam-se em suas unidades, bem como no seu conjunto – os grupos domésticos. As diferentes formas de interação indicam a importância da existência de relações externas de parentesco, como o trabalho e a amizade, que se combinam na luta pela sobrevivência.

.....

A necessidade de sobrevivência leva, inevitavelmente, a família da classe trabalhadora a organizar uma estratégia de combinação entre o trabalho assalariado (setor formal) e outras modalidades de atividade econômica (setor informal). Salários insuficientes, aliados à instabilidade empregatícia, não permitem ao pai assegurar plenamente a manutenção da família. Como solução, reorganiza-se o grupo doméstico (enquanto unidade econômica) para reproduzir a família (enquanto categoria ideológica) (KLAAS WOORTMANN, 1984, vol.3/13).

É em meio a tantos elementos das relações sociais, no emaranhado das coisas do mundo cotidiano, que aparecem, nos discursos dos moradores do Péla, as noções representacionais da fome, mescladas ao somatório das questões necessárias à compreensão sobre o modo como cada um pensa, sente e expressa o mundo social.

A origem dos moradores é, de fato, a mais importante raiz das relações de amizade e dos negócios. Como uma família extensiva, os grupos domésticos mantêm algumas tradições necessárias à sobrevivência. E muitas vezes, quando os modos mais comuns de condutas são rompidos, ocorre a migração dentro ou fora do bairro.

O contexto das unidades tem dois eixos que indicam os caminhos para a análise dos dados empíricos: um que conta com a presença de um núcleo central, uma chefia declarada, e outro, sem essa premissa, que são os vários núcleos e também os membros que vivem isolados. Embora não tenha sido possível realizar um levantamento mais detalhado das unidades domésticas do bairro, consta a existência de cinco tipos, a saber: o casal com filhos, sendo o homem o chefe da unidade; a mulher com filhos, sendo esta a chefe da unidade; a mulher com filhos, sendo um dos filhos o chefe da unidade; o indivíduo que vive só, mas tem filhos ou outros parentes que vivem no bairro; o indivíduo só e sem quaisquer parentes no lugar.

Na maioria dos casos observados, a tendência é tornar a família extensiva no mesmo domicílio, com os casamentos dos filhos e a adoção de agregados, parentes ou não. Os filhos nem sempre são do casal, mas, antes, só da mulher, de seus casamentos anteriores. Diante das particularidades que caracterizam o universo investigado, é imprescindível incluir a chefia familiar feminina e outros arranjos domésticos definidos pelos atores sociais deste estudo.

Para os que vivem sozinhos, o lugar representa a única referência de família. São eles os velhos, velhas e aleijados, os bêbados em qualquer

idade e que vivem, de certo modo, apoiados por uma ou outra unidade doméstica que os acolhe com um prato de comida, um banho, uma conversa. São mendigos a perambular pelas ruas do próprio bairro ou imediações e, algumas vezes, qualificados como uma espécie de lixo social: “Não sei pra que está vivo, se não tem de que viver” (Sílvia). Há casos em que são espancados ou expulsos de suas moradas, como foi a invasão da casa de D. Caetana (uma mulher alcoólatra de uns setenta anos), por um grupo de rapazes, para o uso de drogas. Ela passou a perambular pelo bairro, de porta em porta, assustada e sozinha, até que uma mulher levou-a para a porta de um abrigo na Cidade Baixa.

Para melhor compreender a estrutura da unidade doméstica, busco os estudos de García, Muñoz e Oliveira (1982) e outros como Quesnel & Lerner (1988), cujas etnografias fazem a tipologia dos grupos residenciais a partir das relações de parentesco, utilizando o conceito de ciclo de vida para especificar a estrutura interna de cada unidade⁵. No meu entendimento, tal definição está intrínseca às modalidades de organização familiar no contexto da violência do bairro. Uma violência dentro e fora da casa, que condiciona a vida no espaço do cotidiano, e jogam no campo da incerteza quaisquer planos do presente e do futuro.

.....
Aqui a gente está vivo e não está. Tem bala perdida, confusão dentro de casa, me deixe, ninguém sabe aqui como é que estamos vivos, ainda (Sílvia).

Ninguém sabe o que fazer para melhorar a qualidade de vida, cujos agravos cotidianos não estão restritos às condições oferecidas pela violência do bairro, mas também às formas diversas de sofrimento, pelo desemprego e um mínimo de dignidade para viver. Nessa experiência, a vida, no mundo íntimo, declina-se sobre os sentimentos gerados pelo medo, mas

encobertos pela naturalidade derivada por um estar no mundo igual aos seus semelhantes. Não obstante a vida de privações, a construção do cotidiano é conciliada e identificada com um mundo naturalmente dado: “Um inferno que a gente tem de se acostumar” (Tiêta). Pois, dentro da casa, a vida não é menos precária do que fora dela e, quase sempre, os problemas traspassam a morada e seguem em direção aos vizinhos, à rua, ao bairro, como uma grande família que acolhe, ou pune e desdenha.

Sobre as dimensões representacionais do casamento, estas não se encontram tão distantes de outros jogos conjugais de outros setores sociais. O que as faz diferentes são os elementos associados à afetividade. A construção e a desconstrução dos afetos seguem regras universais, no mundo de cada indivíduo, para afirmar ou negar a existência do outro em si mesmo, mas é na face peculiar de cada contexto social, de modo muito particular, que a visão da beleza a ser embutida no amor, por alguns, arrisca-se e se desvanece com os problemas sociais do cotidiano. Nessa ambiência, o afeto parece perder o sentido idealizador de sua própria estética. São costumeiras as brigas conjugais na cena diária, como parte do conjunto dos sintomas do sofrimento social, condicionado por problemas concretos, como a violência intra e extradomiciliar, o baixo poder aquisitivo para alimentar-se etc.

.....
... quem mais sofre aqui é a mulher, porque é a gente que se preocupa mais com as coisas. Ói Lúcia, ela vai morrer, nunca vi ela triste assim, desgostosa com a vida, como está agora, desse jeito. Não quer comer, nem falar. Está lá dentro de casa parado. É calundu por causa do marido ruim que ela tem, a pessoa fica assim, se acabando.

[...]

Aquele homem grosso, que dá porrada nela, joga fora a comida que ela faz, não deixa ela sair na rua [...] Ela tem culpa dele está sem

trabalho? [...]E não têm um filho que dê gosto pra ela, os meninos estão na maconha, no *crack*. [...] Ela só tem desgosto, aí chega um dia que a pessoa não agüenta, fica desse jeito (Bernadete).

O desgosto de Lúcia é a manifestação da sua frustração no seu mundo doméstico. O lar opressivo, a impossibilidade de uma nova vida e “as porradas que recebe do marido”, já não têm disfarces, como em outros casos, comuns no bairro. Os vizinhos presenciaram, durante anos, as agressões perpetradas pelo marido de Lúcia, a qual acobertava a violência de que era vítima, até o momento em que passou a reagir, esquivando-se do presente e sinalizando o desejo de desistir da vida. Após dias de emudecimento e tristeza, ela morre quando “o coração não agüentou mais” (Lêda).

Para Arlete, a Igreja Universal do Reino de Deus lhe salvou dos maltratos do marido. O casal de cinco filhos, sendo três menores, vive com cerca de R\$ 100,00 por mês, que corresponde às faxinas que ela faz para sustentar a casa, pois o marido não consegue trabalho como pedreiro há mais de um ano. Para ela, a leitura dos salmos bíblicos mudou sua vida. Diz que depois que conheceu a palavra do Senhor seu marido não a espancou mais; “antes ele me xingava toda, todo dia, e qualquer coisa que eu dizia ele me batia. Vinha bêbado pra casa, vivia procurando encrenca com as mulheres dos outros, era horrível. Depois da igreja, a tentação foi passando. [...] Eu nem sei se gosto dele mais, depois de tudo que já passei”.

Para alguns dos homens entrevistados, a violência intradomiciliar é resultante,

-
- ... da cabeça esquentada que a gente fica quando não tem trabalho, nem dinheiro (Elias);
 - ... da mulher que vive reclamando que falta coisa dentro de casa (José);

... do trabalho que está difícil (Pedro).

... do meu nervoso. Eu perco a paciência com tantos problemas, aí desconto em todo mundo (Antônio).

Essa perda da paciência é o efeito das pré-condições que culmina nos atos de violência, cuja passagem, do devir ao ato, produz sentidos que redefinem a autoridade ou mesmo a dominação, em geral, do homem sobre a mulher, no pequeno espaço doméstico. Nesse círculo, na convivência cotidiana não se esgotam as tréguas e os atos de violência com palavras e gestos. A personagem passiva e o agressor formam uma oscilação ressonante de uma multiplicidade de sentimentos que se avolumam e enuncia o permanente conflito. Com tantas tensões, a afeição se torna insuficiente para repelir a violência no interior da vida doméstica.

Algumas mulheres justificam que os maus-tratos recebidos de seus companheiros são impulsos momentâneos de irritação ou próprios de suas naturezas. Suportam-se as condições de agressividade nas relações, para garantir o sustento, em especial a comida. É essa a base que define as qualidades favoráveis do homem; “ele é assim, mas é bom, porque bota as coisas dentro de casa [...] bota comida” (Lourdes, ao se referir ao vizinho). A esse respeito, o homem corresponde ao marido ou ao filho que trabalha, em cuja similitude, a sexualidade da relação homem / mulher é dissipada, para dar lugar à necessidade alimentar.

Os casos em que “a mulher quebra tudo dentro de casa de tanta raiva do homem” (Madá), são mais raros.

.....

D. Iaiá que era danada. Uma mulher que tinha aqui que batia no homem até ele cair; quanto mais ela batia mais ele adorava ela. Depois ele ficava bem manso, ia procurar trabalho, trazer dinheiro pra ela comprar as coisas. Mas o que se vê mesmo é homem acabando a

vida da mulher (Tiêta).

.....
Também D. Nininha lá de baixo, quase matou o marido que dava corno nela (Lívia).

Na soma de tantas coisas do dia-a-dia, ampliam-se as noções conceituais que cercam o tema da fome, produzindo um conjunto de significantes para as muitas revelações associadas às condições de vida nesse espaço social. Os sentidos da fome terão muitas interpretações e, em especial, para a mulher, quando sofre a ausência do companheiro e enfrenta sozinho a criação dos filhos. Nesse papel social, observo algumas situações de desespero, como o caso de uma faminta que tentou o suicídio ao queimar todo o corpo. E outra que emudeceu depois que seu marido foi preso e condenado a mais de vinte anos de reclusão. Também, há casos de mulheres que se colocam na mendicância desde jovens e,

.....
... ficam viciadas de pedir, com os filhos pequenos, tudo pela rua. Aqui dentro tem um bocado que é assim (Lourdes);

... ficam nos pontos pela cidade, pela Piedade, nas portas das igrejas, nas lanchonetes, sei lá (Tiêta);

... tem umas que estão pedindo dinheiro nas ruas porque não sabem resolver sozinhas as contas que têm pra pagar, é luz, é água, é comida, não têm marido e ficam com o juízo atrapalhado, aí se acostumaram a pedir, porque tem quem dê (Sílvia).

Casamento ou união livre, são ambos moldados por normas tradicionais de fidelidade e cercados de pautas relativamente rígidas, como a importância da virgindade da mulher jovem para o casamento e a idade dos noivos, seguindo um ritual em que os pais da noiva (em geral a mãe) empenham-se

em pagar a festa e o vestido da filha que se casa. Como parte de um processo social e histórico de formação de casais, ainda que haja diferentes maneiras de experimentar a instituição matrimonial, o que predomina no bairro, é a união livre, sem a legitimação do matrimônio, mas com uma formalização semelhante. A instituição que rege as regras, em essência, é a mesma.

Sem condições econômicas, a jovem, em média de 12 a 17 anos, opta em viver com a família do homem, dividindo os afazeres domésticos com as demais mulheres da casa. A família nuclear torna-se transitória e logo substituída pela extensiva. A relação de favor atribuída à nora (legítima ou não), condiciona-a ao passivo modo de viver na casa, onde cozinha para todos e obedece às ordens da sogra, sogro e as de seu jovem marido, seguindo a reprodução de antigos valores rigidamente impostos para garantir a sobrevivência.

Existem casais de jovens que alugam um quarto em travessas e becos e asseguram sozinhos ou com outro casal, as condições econômicas de manutenção do cotidiano, e uma clara divisão do trabalho doméstico condiciona a mulher à tradição do trabalho na cozinha e o cuidado com as crianças. Não foge a esse preceito até mesmo aquela que comercializa drogas. Para qualquer casal de jovens, a procriação é, em geral, precoce, e o número de filhos não ultrapassa a três. Nesse aspecto, a laqueadura de trompas aparece como uma necessidade da mulher, numa contestação dada pelo desejo de romper com a reprodução de uma prole de muitos filhos, semelhante à de sua família de origem. Para conseguirem essa pequena cirurgia, feita em clínicas particulares da periferia ou em municípios vizinhos, elas trabalham duro nas campanhas eleitorais. Sem citar os nomes, elas falam de dois deputados estaduais que se comprometem com as laqueaduras, em troca do trabalho de boca de urna no dia da eleição.

O tempo de convivência do casal, no grupo de 12 a 20 anos, é relativamente pequeno, se comparado às gerações mais velhas. As separações

são tão comuns que não é raro haver duas mulheres grávidas de um mesmo homem.

Entretanto, mesmo nessas condições, o casamento continua sendo um *status* para as mulheres e para os homens. Para as de 40 anos ou mais, um novo matrimônio é difícil, “... porque o homem quer mulher muito nova, pra mandar nelas e mostrar pra todo mundo que eles estão por cima” (Tiêta).

O que mais parece preocupar as mulheres mais velhas é a gestação precoce de suas meninas. São casos e casos de crianças que, ao entrarem na adolescência, engravidam a seguir. Há meninas de menos de 10 anos que já têm experiência sexual antes mesmo da menarca, e não é rara a prática de sexo oral, para garantir junto ao traficante algum dinheiro ou uma pedra de *crack*.

Poder e virilidade, no universo masculino, são atributos negados por mulheres habituadas a comandar sua própria vida. Sozinhas, com ou sem filhos, amigos e agregados, muitas mantêm uma cumplicidade consigo mesma e com o mundo social, interrogando-se e reconhecendo-se como um ser solitário que agencia o senso comum do desejo de afeto, mas se resguarda no sentido prático do cotidiano e nega compartilhá-lo com um novo marido. A idéia central é de afirmarem-se em sua liberdade pessoal, dizendo que: “... nessa idade da gente, só se for um homem pra botar as coisas dentro de casa, e como não está fácil, é melhor ficar sozinha e sossegada” (Tiêta). “Eu quero é ficar livre de consumição de homem” (Regina).

Essas e outras expressões tornam clara a negação de um próximo matrimônio, sendo o mais corriqueiro o namoro longe dos olhos do bairro, conforme a fala de uma mulher de 53 anos, que manteve uma vida sexual regular com seu afeto secreto e distante dos filhos; “... ele me dava presente, farinha, carne de sertão, sandália, dinheiro, essas coisas. Ele é casado, mas era um cara legal, pra mim. Fiquei mais ele até o dia

que ele não me quis mais. Eu acho que fiquei velha pra ele” (Tiêta). O sentido dessa e de outras relações se reporta, mecanicamente, ao interesse pela sobrevivência, mas também reflete a necessidade da paixão, da sexualidade e da valorização social.

Ainda que haja mulheres chefes de família, a veia matricial do patriarcado não elimina a discriminação que sofrem em vários espaços sociais, como são as queixas das mulheres quanto ao tratamento que recebem dos policiais que percorrem o bairro.

.....
Fulano chega aqui e me xinga, puxa meu cabelo, ruma pedra no telhado, ele quer eu sei o que é, mas eu não dou (Sílvia).

.....
Tenho nojo desses caras que vem aqui toda terça e sexta, entram na casa da gente, só porque eu não tenho homem. Tenho raiva, me escondo. Eles fazem isso com qualquer uma daqui que não tem homem, pode ser branca, pode ser preta (Elza).

Os homens dessa faixa de idade (40 anos e mais), em geral, são casados e mantêm uma vida balizada pela necessidade de sustentar a família. Entretanto, ter uma família, mulher adaptada às condições impostas pela pobreza, “quieta, dentro de casa”, filhos trabalhando e contribuindo com o orçamento da unidade, é uma perspectiva social cada vez mais difícil de ser encontrada no bairro. De fato, o desemprego marca as relações íntimas e desagrega o desejo de um lar idealizado.

.....
Tem tanta mulher aqui com os maridos desempregados... e estão tudo passando fome. Gente que fica nas portas pedindo comida, se oferecendo pra fazer uma faxina. O marido desempregado, entrando na cachaça (Renilda).

Na luta pela sobrevivência do dia-a-dia, dentro e fora de qualquer espaço familiar, há diferentes articulações entre os grupos domésticos. E mesmo quando um membro migra para fora do bairro, nem sempre ocorre uma ruptura, sobretudo porque permanecem as referências de amizades. Há casos de componentes nucleares que saíram do espaço familiar e se instalaram em outra área do bairro, restringindo as relações com o grupo de origem, e casos contrários, em que as ligações econômicas e afetivas não se rompem, ampliando o sentido de família, mesmo com residência fora da unidade de origem ou fora do bairro.

Sobre a migração interna movida por inimizades, cito o caso de Maria da Graça, uma paraibana de 52 anos, expulsa de seu grupo por não suportar o marido alcoólatra. Com a perda da referência dos seus comparsas, ela se deslocou para uma outra rua do bairro e, de longe, sentada na escadaria em frente ao morro onde viveu por vinte anos, mantém um olhar fixo na sua antiga morada, revelador da falta que sente do seu lugar e daqueles que eram seus amigos mais íntimos. Considerada por eles como uma mulher “perigosa”, por não saber manter o casamento e nunca ter tido filhos, Maria é uma “mulher sem homem e que olha os homens das outras” (Regina). Nesse temor, segundo ela, na tradição dos paraibanos do bairro, a “mulher é mal vista”. Foi diante de tanta dor que Lúvia a acolheu, “porque ela parecia que estava doida com esses problemas [...] depois ela vai arranjar trabalho e uma casinha pra viver”.

Os motivos que levaram Maria a migrar dentro do bairro derivam da quebra de recepção em seu meio, por sua condição de mulher sozinha e julgada culpada pelo alcoolismo do marido. Torna-se compreensível a reação dos paraibanos e a necessidade de distanciamento de algumas mudanças culturais impostas pela vida urbana. Os valores sociais embutidos nas relações funcionam como acordos ou códigos culturais, para a manutenção da sobrevivência do grupo doméstico e as rupturas se con-

figuram como formas de defesa, negando-se quase sempre os novos modelos urbanos. Do mesmo modo, acontecimentos semelhantes ocorreram em outros grupos, justificando as inimizades, os divórcios e a migração. Foram os episódios de ruptura por diversos motivos que desencadearam a separação definitiva entre os paraibanos e os alagoanos, e entre aqueles e os moradores da Rua de Cima, os sertanejos dos municípios de Ribeira do Pombal e Santa Luz. Nessa clara divisão, o comércio da droga, oportunamente, criou novos pontos de venda e abriu a possibilidade para novos residentes no bairro.

As inter-relações entre os moradores, de maneira geral, traduzem-se em algumas funções da organização social, que mantêm fortes os vínculos dos indivíduos com o bairro. E, nesse sentido, os moradores se referem ao bairro como a “casa”, ou, como o “lugar dos parentes”. Tratam, da “casa de” e não da “família de”, vez que a palavra família é pouco pronunciada, embora seja uma dimensão referencial privilegiada, intrínseca nas relações. A casa é o lugar real da família, do indivíduo e do grupo ou a referência da chefia do grupo. O espaço privado, de diferentes necessidades da reprodução cotidiana da vida, é onde se dão tantas rupturas e mistura-se ao mundo público para o imediato da subsistência. Nessa extensão, “lá em casa” corresponde à rua onde se mora, e a mesma expressão aparece sem as subdivisões espaciais, quando os moradores estão fora do bairro.

O “bairro” é a Vila, a Rua, o Miolo, o Campo etc. representando a soma das nomenclaturas que traspassam as paredes das moradas e espalham-se como signos do território vigiado, formando uma imagem única, estigmatizada e representacional da qualidade de vida dos moradores. Pois, “falar que vive aqui é a mesma coisa de ser bandido. Eu mesmo não falo, minto” (Sílvia).

A unidade doméstica move-se por duas vertentes: o repouso e o trabalho doméstico associado à microempresa de alimentos ou ao ambiente de

apoio à comercialização da droga. Na maioria das vezes, a casa é também o espaço da religiosidade. São as imagens de santos em estatuetas e quadros de São Jorge, Cosme e Damião, Santo Antônio, Nossa Senhora (virgem e mãe) e Jesus (em crucifixo ou com o coração em chagas) que asseguram, simbolicamente, o controle das atitudes das pessoas frente ao mundo. Em locais de destaque, as imagens dos santos estão situadas sempre em frente à porta, em posição de guarda e benção. Nas mesmas paredes sem pintura, antigos calendários e fotos de atrizes de telenovelas são outros ícones que parecem produzir uma correspondência imagética com o mundo de fora. Na cena comum, a presença constante do alto volume da televisão ou do som dos discos toma conta das ruas.

O espaço de poucos móveis, quase sempre doados, designa uma necessidade mínima e básica, como camas, cadeiras, pequenas prateleiras e guarda-roupas improvisados de caixas e caixotes. Os eletrodomésticos mais valorizados que outros utensílios são a televisão, a geladeira e o fogão, seguindo-se o aparelho de som, ferro elétrico e rádio de pilha. Quanto aos demais objetos, em geral, apenas um copo serve a todos da casa, e quase sempre não existem talheres e pratos.

Acostumados à ausência de espelhos, os homens fazem a barba, as mulheres põem batom e se penteiam sem a necessidade de verem suas faces, ainda que os jovens tenham um pequeno espelho de bolso. Esse é um objeto que pode refletir o visível e o invisível, ou o mal pressagiado, como emana a tradição antiga da região rural do Nordeste. “Pra que ter isso dentro de casa? Pra vê o que não presta?” (Elza). A mulher não fala de si ou de um sentimento associado à desvalorização social, mas essencialmente quer expressar uma dimensão oculta que comporta elementos que aparecem para assombrar ou invadir o corpo refletido. Crenças que guardam os espelhos, para atrair as forças cósmicas, como a ira dos raios, a força da lua, os espíritos malignos. “Algo que reflete outra coisa

[...] através da mediação que é o observador” (GADAMER, 1997: 675), uma imagem inatingível especulada que se devolve ao que a vê (*Idem*). No medo dessa atração, o sujeito não quer arriscar nem o corpo nem a casa, e resguarda-se.

No mundo doméstico, as relações se dão quase sempre condicionadas por conflitos, por diferenças entre gêneros e gerações, devidas aos padrões ideológicos constituídos, em cada contexto particular. É essa a base que acolhe as mudanças observadas na dinâmica demográfica do bairro, como parte inerente ao processo de reprodução social e que, nesses últimos anos, influenciou mudanças na estrutura interna das unidades domésticas e os diversos aspectos socioculturais.

Registram-se, nas relações mais íntimas, denominações como madrinhas e padrinhos sem batismos, compadres, comadres, tias e tios, primos e primas, como formas de se assegurarem na vida confusa e dispersa da cidade grande. Algumas condutas de reciprocidade, como a cordialidade nas relações interpessoais, funcionam como etiquetas mais tradicionais de cumprimentos e visitas, formalizando amizades, principalmente entre os sertanejos. São os pedidos de bênçãos uns aos outros, o beijo nas mãos ou a testa que se encosta às mãos, um tratamento entre os adultos, os quais se referem sempre, a Seu (Sr.) e Dona (Sra.), como códigos de autoridade e respeito, mesmo que já se conheçam desde muito. Há também o toque, enquanto falam uns com os outros, como parte da gramática da comunicação, como se a palavra estivesse colada ao tato, ao gestual entre as mãos de quem fala e os braços de quem escuta. Diferentemente, os paraibanos mantêm, na relação face-a-face, uma inibição da emoção, pois, em geral, freqüentemente falam de braços cruzados, cabeça baixa e olhar em direção oposta ao interlocutor que lhe é estranho.

À natureza da pessoa agregam-se comportamentos socialmente definidos, ou identificados como o “jeito de ser da pessoa”. A natureza significa

a essência do ser que se revela na linguagem. Algumas expressões caracterizadas como, “cisma”⁶ e “calundu” são modos de demonstrar insatisfação e qualificam a identidade da pessoa. São ambos componentes da conduta da emoção, em geral, observada nos adultos de ambos os sexos.

.....

Cisma é raiva. Faz mal. Desanda a vida. Conheço uma mulher que era minha amiga e tomou raiva de mim, por besteira. Porque ajudei o marido dela, que estava caído de bêbado, levei ele pra casa dei um banho, dei comida. Ela botou um olho de raiva em cima de mim, que tomei uma queda nessas escadas. Eu caí depois do olho dela. Tem umas pessoas aqui que tem muita raiva no coração. Tudo largada ou brigada com os maridos. Umhas mulheres que ficam sufocadas, com os filhos na mão. Não se une uma com as outras pra se ajudarem. Ficam com ciúme de tudo. Até da minha casa. Sei lá (Tiêta).

Conforme as narrativas, os indivíduos demonstram-se cismados uns com os outros, principalmente os oriundos do sertão. Esse signo representa a linguagem indireta do sujeito para mediar um sentido de proteção do corpo em relação ao alheio, o outro. As pessoas cismam com o que temem, como a inveja de outrem sobre si, ou um “mau-olhado” que pode atingi-las. No enunciado acima, a cismada receia perder o marido e, conseqüentemente, teme em ficar só e com “os filhos na mão”, conforme interpretação de Tiêta. O ato de cismar é, nesse caso, a estratégia objetiva que a informante encontra para manter-se “pré-ocupada” com o que teme.

.....

... tem gente que cisma com a comida da gente e, depois vem faltar. Por isso, eu sempre dou comida pra minha vizinha quando eu posso, não é todo dia, mas eu sempre dou. E ela está sempre me olhando atravessada, parecendo que quer tudo que tem aqui dentro de casa.

Um dia ela ficou me olhando, toda hora pela janela, aí eu fui tendo dor de cabeça, fui me sentido diferente, aí queimei a comida toda e não tive um dinheiro pra comprar mais. Desse dia pra cá fiquei com cisma dela. Do olho dela (Creuza).

A cisma do olhar alheio sobre as coisas e o corpo abre a possibilidade de o sujeito produzir sentidos sobre uma situação específica e externa a si mesmo. Ao apoiar-se num fundo real, Creuza, em relação à sua vizinha, tenta explicar as diferenças que as separam: “Aqui, só ela me olha desse jeito, as outras vizinha não [...] acho que ela é mais pobrezinha do que as outras, aí ela sente mais inveja”. A cisma é colocada como uma reação adversa à ameaça que sente ao perceber-se socialmente diferenciada. Sendo assim, a vizinha, badameira e mendiga, cujos olhos “têm inveja”, passa a ser a responsável pela perda de sua comida. Nesse agravo, não há palavras em suficiência, mas antes, um silenciamento a mediar a relação entre as personagens. A desconfiança e o medo de faltar comida revelam-se como pressentimentos pela pré-concepção que uma vizinha faz da outra. Ainda que sejam falsas as impressões da inveja, a idéia de fome está implícita. A cisma perpetua as diferenças entre ambas, e faz da cismada uma eterna submissa desse sentimento. Nessa atitude, ela se afasta da possibilidade de uma aproximação mais íntima da vizinha, mas, ao mesmo tempo, espera esse encontro, para se manter num movimento que conhece e não quer abandonar. Nessa atração, a proximidade com a outra, cujos olhos teme, tece um sentido ambíguo para “desfazer” o mal.

.....

Eu ajudo ela pra não piorar as coisas aqui dentro de casa, mas eu sei que ela tem uma natureza ruim. Por isso que ela nunca tem nada. Aqui a gente não parte pra briga quando a gente vê a inveja, a gente

se defende jogando fora as coisas que os invejosos dão pra gente, senão a gente fica fraca (Creuza).

.....
... comida e água, a gente tem medo de comer do invejoso, pode está tudo de feitiço (Renilda).

Em geral, a cisma emblemata uma preocupação do sujeito em manter-se forte em qualquer situação. Uma experiência, cuja leitura indica a necessidade de se ter a certeza de não ser atingido pela intencionalidade que se percebe do outro. De qualquer modo, a cisma pode libertar o sujeito de uma maldição – advinda do outro – e que pede domicílio em seu corpo e em sua casa.

O enfeitiçamento ou o desejo de enfeitiçar é, para alguns informantes, a atitude mais comum de reagir às forças sobrenaturais da existência em privação. O sujeito que se sente invejado fica envolto numa sensação de perda material, ou de uma “coisa estranha por dentro”, cuja principal impressão o atrai a pensar-se enfeitiçado por trabalhos de umbanda, ou pela macumba. Esses são temas pouco conhecidos pelos que não frequentam o terreiro de candomblé. O mais comum é o desejo de vingança, quando um se sente ofendido pelo “olho” ou pela face alheia. A sensação de ser ofendido pode ter claros traços de uma discórdia, advinda da discussão de pontos de vista ou valores divergentes, como pode ter como motivo o desejo de ser ou possuir (as coisas do) o outro.

.....
Se a gente não cismar, fica mais fraco ainda, porque a inveja que caiu em cima de mim foi fogo. Quase me acaba. Tive que fechar o corpo pra muita gente daqui (Lívia).

Uns têm o corpo fechado, e outros, aberto. Ou o corpo fechado se abre, quando o sujeito se sente enfraquecido em alguma situação con-

creta. O fechamento do corpo tem muitas leituras no âmbito de ações diversas, desde o banho de folhas a outros rituais mais trabalhosos, dentro do Candomblé. Para os que não freqüentam essa seita, cabe-lhes também as rezas e incensos na casa e no corpo.

Uma mistura de cismas sobre as coisas cotidianas associa-se ao corpo: cisma-se com uma palavra, ou com um objeto qualquer da casa, ou com pessoas, para, fundamentalmente, evitar infortúnios. Em relação aos alimentos, a cisma age conforme a tradição de proibições, em especial em alguma situação de enfermidade ou nas fases fisiológicas da mulher, como a menstruação e a gravidez, em que se evita o geladinho e o azeite de dendê, por serem considerados hemorrágicos.

Para a prevenção de algumas doenças, os principais cuidados da alimentação observados são específicos para melhorar “coceiras, gripe e desando” (diarréia). Em cada caso, será suprimida da dieta cotidiana a pele de galinha, por entenderem que provoca inflamações cutâneas “pra quem tem alergia no corpo”; algumas folhas, como o coentro, “que tem as folhinhas tudo arrepiadas, parecendo que estão gritando” (as folhas arrepiadas do coentro se assemelham aos alvéolos pulmonares, em miniatura), e por isso provoca cheiro na comida, resfriando e enfraquecendo o corpo com gripe. Diarréia ou “desando” é uma ofensa ao corpo, atribuída pela inveja e o olho “gordo de quem quer a comida da gente, aí o corpo responde desse jeito, fica todo desandado” (Bernadete). “Às vezes, só pega no mais fraco da casa” (Lêda). Para a terapia da diarréia, evita-se o café pela semelhança com a cor das fezes: “aquela água escura que nem a borra do café”; e a gordura animal, porque “o côô fica preso nas tripas” e “a barriga faz aquele barulho todo pra se soltar, parecendo que as tripas estão reclamando lá dentro” (Tiêta). Em alguns casos, a dieta é rigorosa, com jejuns e chás por vários dias. Também a gripe e o cansaço no peito são queixas consideradas doenças que podem matar, porque “o corpo parece que não pertence mais a gente”, ou

porque “a gente fica acabado, desanimado, parecendo que vai embora, sem poder respirar” (Tiêta). “... Tem gente aqui que não faz *indieta* de nada, porque nem pode. Aí se entrega a Deus e se salva de tudo (Arlete).

.....

Pior é ter que fazer *indieta* de sexo. Não transar pra não enfraquecer o corpo. Dá um nervoso... Agora eu não preciso mais de fazer, porque estou sem homem, mas já fiz muito isso, pra não pegar gripe. E quando se toma remédio de verme, também não pode transar pra não atrapalhar com o remédio das bichas (Tiêta).

A dieta é chamada para o controle do corpo, cujo sentido o sexo aparece conjugado. Verminose ou “bicha” não é doença, mas deve ser tratada quando a “barriga está cheia. [...] A gente conhece quando a cara fica amarela e a barriga cresce. [...] Mas, tem gente que não tem verme, não sei dizer porque [...] deve ser porque é tão ruim que nem as vermes gostam [...]. Água de beber é tudo de filtro, por causa do barro da água de torneira” (Elza).

“Fraqueza” e “nervoso”, pensamento “pro mal” e dores nas pernas não são definidas como doenças, mas “coisas da pessoa”, [...] “que já nasce com essas coisas e nunca se acostuma de ser pobre”, ou porque “tem gente que está pagando alguma coisa que fez de errado” (Tiêta). A natureza da pessoa é um código cultural, uma instituição que, a rigor, designa uma atitude de tensão íntima contra qualquer motivo que pode provocar perdas.

O calundu é a emoção que expressa na zanga a revelação da não passividade do sujeito frente às situações concretas de suas condições sociais. Manifesta a face cerrada e o ensimesmamento, que “chega assim, de repente na pessoa”. Uma introspecção, em que o sujeito tenta se conter, não se abandona, e liberta-se explodindo palavras de ofensas.

O sentimento de revolta demonstrado como calundu rompe a atitude natural da ambiência faminta, para negá-la ao nível da consciência. A exem-

plo, quando da coleta de alimentos no lixo, a face objetivada do ator mostra-se, nessa emoção, como um grito interno, que lhe provoca sofrimento.

.....
A gente não vai pro lixo contente. Vai triste (silêncio). Mas depois passa, quando a gente chega em casa, já passou. Mas tem gente que não aceita, fica de calundu. Às vezes, a vida toda é assim, não se acostuma nunca (Tiêta).

.....
É gente de natureza contrariada. Nasceu sem querer nascer e não morre, aí fica assim (Lívia).

No particular, cisma e calundu são expressões culturais comuns do idioma dos moradores, embora esse último seja mais comum para os que vieram da área rural da Bahia. A conduta revela um intuito do sujeito em distanciar-se do palco, ou demonstrar aos seus semelhantes a não aceitação de algo, em troca de um assento em silêncio, até quando ele se reconcilia com o mundo, outra vez. Para outros, em especial os nascidos em Salvador e áreas próximas, o calundu não é tão comum, e semelhante conduta é considerada como um “encosto” ou um “troço”.

.....
Isso que eles dizem que é calundu deve ser encosto. A pessoa que está com isso fica murcho, não quer falar, tem raiva por dentro, aí a gente deixa. Espera o encosto passar ou faz uns trabalhos pra tirar [...], com muita reza. Vai depender da pessoa. Porque cada pessoa sente de um jeito (Bernadete).

.....
Eu tenho isso quando brigo com meu marido, quando tem problema demais em casa. Fico quieta, calada, não quero conta com ninguém. Não agüento nada (Renilda).

.....
A gente sente essas coisas não é sempre porque falta comida, é tudo misturado, é cansaço de viver (Tiêta).

Os motivos que levam o indivíduo a sentir “calundu” são diversos, e a intensidade desse sofrimento desloca-se para mediar as relações pessoais. O sujeito coloca em dúvida seu eu e o mundo ao conferir o peso de viver.

Quanto aos processos terapêuticos mais comuns, são as pessoas do sertão que dizem conhecer com maior profundidade as plantas medicamentosas, como o capim santo, o sabugueiro, a cidreira, o murici etc., produzidas em cacos e canteiros nos pequenos quintais. Os originários do recôncavo baiano e os da cidade de Salvador introduziram no bairro processos de cura para “todas as doenças de pobre”. O tratamento com folha funciona “benzendo a ferida, o cobreiro, e o lugar que tem dor”. Para tanto, nem todas as plantas são produzidas mas “buscadas no mato, porque são de Deus”. Entre essas, a mais comum é a folha “alevante” pra “curar encosto e animar a pessoa” [...] “levanta a pessoa, dá coragem pra pessoa e não deixa entrar nada no corpo nem na casa dela” (Tiêta).

A casa, esse cenário onde se processa e resguarda-se a intimidade, é, em algum momento, o espaço em que o público circula. “Minha casa vive cheia de gente, às vezes é gente do bem, às vezes não é. Mas tenho que vender minhas coisas e tenho de deixar qualquer pessoa entrar” (Tiêta).

O pequeno comércio legal do bairro, estampado em portas e janelas, encontra-se também dentro da casa. Vendem-se pastéis, pipocas, cachorros-quentes, cigarros, bebidas etc. Para fora do bairro, sobre tabuleiros, carrinhos de mão, garrafas térmicas, e caixas de isopor, são comercializados, respectivamente, o amendoim cozido ou torrado, verduras, cafezinho e geladinho (mistura de um pó industrializado, com

sabores artificiais de frutas, água e açúcar, vendido num pequeno saco plástico de 15 cm., congelado como picolé).

A moradia, que serve como lugar de “venda” ou armazém para o comércio de alimentos e produtos de limpeza, confere um sistema de varejo adaptado à realidade do lugar. Distintos dos mercados: compra-se uma mercadoria para o consumo do dia, como a água sanitária, vendida aos poucos, numa unidade mínima medida numa tampa de talco, para o valor de R\$ 0,10. O sal é comercializado em pequenos sacos plásticos, fechados com a chama da vela, num supervarejo de muitos produtos que podem ser subdivididos para atender à demanda. Habitados a “pendurar as contas”, o sistema de dívidas é um costume dos moradores no comércio local, refletindo uma organização que cria vínculos de dependência entre o comerciante e o consumidor. A maior despesa com dívidas refere-se à padaria local, e à vendinha de Raimundo, onde podem encontrar variados produtos, como óleo, carne seca, farinha, fubá, sal, açúcar, café solúvel etc. As verduras e as carnes são compradas no mercado das Sete Portas e têm o mesmo sistema de pagamentos controlados por anotações em cadernetas, para as antigas freguesias.

A venda de lanches nas casas dos moradores conta com o apoio mútuo dos membros residentes e uma divisão sexual do trabalho bem definida, em que a responsabilidade da compra de alimentos e da confecção dos produtos está a cargo da mulher, enquanto que as finanças são controladas pelo homem. Para a unidade que comercializa a maconha, o *crack* e outras drogas, além da estrutura interna organizada com divisão de trabalhos e disciplina, mantêm-se os vínculos com outros indivíduos, grupos e contextos exteriores, formando redes de relações formalizadas dentro e fora do bairro. Com participação diversificada, observa-se a utilização da força de trabalho feminina na confecção de cigarros, pesagem e separação da maconha em pacotes, e das crianças e adolescentes na

separação cuidadosa dos pedaços de *crack* e na sua comercialização. Ainda que seja essa uma divisão que sofre variações entre os sexos e gerações, é menos expressiva a participação da mulher como vendedora de drogas.

.....

Os cigarros mais fininhos, ela faz muito bem feito. É uma das melhores daqui e é crente, viu? A polícia sabe e vai lá de vez em quando levar os cigarros dela. Ela faz isso porque tem que pagar as dívidas do filho que mataram na porta dela. Ela não tem pra onde ir. Tem medo que façam mal pros meninos. E as filhas estão tudo vivendo com gente da maconha (Sílvia).

Esse tipo de trabalho é reconhecido no bairro como qualquer outro informal, sendo estabelecidas relações entre os parentes, vizinhos, amigos e associados, fundadas na avaliação de confiança, que, por sua vez, é construída e redefinida em função dos distintos graus de reciprocidade. Uma das diferenças importantes entre o comércio legal e o das drogas é a forma de pagamento. A moeda válida para esse último é o dinheiro vivo ou qualquer objeto de valor para o mercado. E, para os devedores de drogas, não há perdão, sendo rigoroso o prazo para o pagamento ou o parcelamento da dívida. Alguns dos jovens comerciantes consideram a relação sexual como um modo de pagamento, mas, quando a dívida se prolonga por mais de seis meses, a punição recai sobre os membros da família. “Tudo vale, eles entram dentro de casa pra pegar a televisão, qualquer coisa” ou matam para servir de alerta para outros devedores.

Os envolvidos com o comércio da droga conseguem reunir um rendimento que flutua entre seis e mais salários mínimos. Diferentemente dos mendigos e dos que estão no mercado formal, que recebem até dois salários.

Nas unidades mais pobres, as mulheres são as que mais buscam o apoio das vizinhas para que vigiem suas crianças enquanto trabalham fora do

bairro. Tratam-se de arranjos entre amigos e parentes, a partir dos quais as crianças podem ficar hospedadas dois a três dias numa casa, ou apenas um turno do dia, conforme os acordos entre as unidades.

A solidariedade, no interior dos grupos domésticos, é o eixo que move a manutenção da sobrevivência, numa complexidade que regula os conflitos, cria códigos e gera a necessidade de manter uma inter-relação, compartilhando o espaço, a comida, os problemas, as festividades, o aleitamento materno, o cuidado com os filhos dos vizinhos etc.

.....
Quando um chegava do interior, a gente botava dentro de casa até eles terem a casa deles, arranjam trabalho na construção ou de faxina. Minha casa já ficou cheia um bocado de vezes. Não podem é bulir nas coisas da gente, nem nas meninas, mas isso eles nunca fizeram aqui em casa (José).

.....
Nunca deixei um irmão (qualquer pessoa) dormir no relento (Tiêta).

.....
Esse peito aqui já deu de mamar pra um bocado de menino daqui (Arlete).

A confiança e a intimidade entre os grupos permitem compartilhar temas como os problemas conjugais, os medos, as doenças, a violência do bairro, as privações etc. Mas são os “passeios nas casas de amigos”, no mesmo bairro, e os encontros sociais de sábado à noite que asseguram as relações de amizade e apoio entre os grupos mais próximos.

.....
A gente se encontra pra dar muita risada e falar de quem não presta, pra se aliviar. A gente chama assim os amigos, torra uma pele de galinha, toma uma branquinha com limão (cachaça), e isso já é uma

festa. Se a gente não fizer isso, a gente morre, só de ficar pensando na vida (Tiêta).

.....
Ninguém aqui é de ferro. A gente é pobre, falta de tudo, mas a gente se diverte (Bernadete).

Tais condutas apontam para um sentido maior de família, como uma instituição que abraça valores que reproduzem imagens culturais necessárias à sobrevivência e formas de apoios que arrefecem o sofrimento das carências materiais. Nessas microrrelações, asseguram-se os laços de confiança recíprocas, como o empréstimo de dinheiro ou de um pacote de macarrão, um pouco de farinha, passes para transporte, crianças para a companhia na mendicância ou o ato de esconder pacotes de droga etc.

As 23 vagas na creche da Igreja Católica, no bairro do Barbalho, são insuficientes para atender às necessidades do bairro, e, sendo assim, muitas mulheres, quando não encontram apoio dos amigos e vizinhos, pagam pela vigília de uma criança, R\$ 30,00 a 40,00 por mês, sem contar com a refeição. Um esquema que fere a dimensão da solidariedade e que cresce ainda mais com as menores oportunidades de emprego no mercado de trabalho.

Com a presença ostensiva do tráfico de droga, antes tão cautelosa, gera, na vida dos demais moradores, sentimentos de medo da morte violenta, pois todos podem ser considerados como suspeitos, pela polícia ou pelos traficantes, no clima de guerra que amedronta e modifica a perspectiva da sobrevivência no dia-a-dia. “A gente não pode falar nada”, “... faz é vista grossa pra não saber das coisas”. Desse modo, ninguém denuncia, mesmo anonimamente, os abusos da violência do bairro, quer os tiroteios entre as gangues, quer o uso de drogas por crianças, a falta de segurança etc.

“Maloqueiros” (desocupados e vagabundos), traficantes, trabalhador de carteira assinada, prostitutas, cafetões, lavadeiras, faxineiras, mendigos,

biscateiros etc. traduzem modos de vida, cujas relações se comungam aos interesses comuns no espaço social. São as formas de trabalho que tipificam as pessoas do bairro, como “perigosas, gente de bem, gente esforçada, feras” etc. O traficante, principalmente o que mora há pouco tempo no bairro, não tem relações próximas com os moradores “veteranos”, e esse o nomeia ‘gente de fora’, porque não têm raízes familiares no bairro, ou porque não convivem com as relações tradicionais do lugar, ou ferem essas tradições quando “mudaram a vida da gente pra pior” (Raimundo). Em contrapartida, tanto os traficantes recém-chegados, como os mais antigos, consideram o trabalhador assalariado “de carteira” como um “otário” que “não sabe ganhar dinheiro”, ou que “nasceu pra passar fome”.

.....

Os donos da rua não deixam a gente sair. Mandaram dizer, desde cinco horas, que é pra ninguém sair de casa. Pode um negócio desse? Agora a gente fica aqui igual na prisão. Pior que na prisão, porque aqui a gente não sabe o que vai acontecer (Renilda).

Muitas vezes, eles obrigam os moradores a desviar caminhos, interrompem a passagem de entrada e saída do bairro e exigem que as pessoas não saiam de suas casas. Desconfiados, “os donos” do lugar são diferentes dos poucos traficantes antigos, das quadrilhas de ladrões, alguns outros criminosos, pivetes de pequenos furtos, que eram e ainda são, “gente daqui”, que não ameaçam o bairro: “Os daqui são tudo miúdo, só trabalham lá fora e aqui dentro é tudo igual à gente” (segundo a fala de um morador antigo, ex-membro da extinta associação de moradores). “Esses daí (os que vieram recentemente para o bairro), a gente conhece eles pouco” (Elza).

Distribuídos em cinco diferentes gangues ou “turmas” em todo o bairro, eles mantêm, entre si, acordos com clientes e locais de venda das

drogas. Quando tais acordos são transgredidos, surgem os confrontos, as sanções, as torturas, as ameaças e mortes. Sobre esse aspecto, cito como exemplo o que ocorreu numa certa manhã, na Rua de Cima:

.....
Acabaram de matar Tânia, a filha de Adelina. Mataram ela dentro de casa, de faca. Dizem que foi a máfia. Ela tava envolvida. A bichinha tão boa, tão nova, uns 20 anos, foi se meter com esses homens, acabou nisso. Esse lugar aqui está cada dia pior. Agora estão lá com o corpo dela, já chamaram a polícia. Deram um monte de facada na bichinha. Eu é que não me meto nessas coisas, fico na pior mas não quero saber de vender essas coisas, acaba nisso [...] É perigoso, dá um dinheirão mais mata, também. E quem entra, não sai (Tiêta).

O envolvimento com o narcotráfico dá-se de muitas maneiras, e a venda segue critérios rigorosos, que ordenam a instituição da fidelidade, aliada à submissão dos membros de menor poder na organização. Tânia de Adelina não vendia drogas, mas era a mulher de um traficante que traiu seu grupo. Dias depois, ele foi encontrado morto e também “apagaram o irmão dela aqui dentro, quando ele veio visitar a mãe dele. A família vai toda morrer por causa da traição” (Tiêta).

Os pontos móveis e fixos desse comércio, dentro do bairro, são designados também como locais de vigília e, de binóculos em casas sobre os morros, eles identificam quem entra ou sai do bairro. Qualquer que seja o rapaz ou a moça (mais raro) em pé, por mais de uma hora em algum ponto do bairro, está trabalhando para o tráfico.

Algumas casas, do lado esquerdo de quem entra no bairro e vistas do alto, são as únicas pintadas: paredes, janelas e portas, em azul celeste. Além disso, têm escrito com letras grandes e negras: JESUS, que vem significar a casa do filho de Deus (?). A habitação da cor do céu, no

bairro de casas pálidas, é a “protegida dos homens da droga”. Para uma proprietária de uma dessas casas, “eles quiseram pintar, e eu deixei”, e ao tentar aprofundar o assunto, ela desconversou. São nessas casas, nas paredes externas e azuis que estão escondidos, em buracos feitos à bala, o *crack* e os cigarros de maconha, para serem repassados aos clientes.⁷ Os traficantes mais jovens são conhecidos como “cachorros”, cujo termo para eles significa confiança, fidelidade, os que guardam o lugar ou o ponto. E “Menino” ou “Aviãozinho” são em geral os menores, que podem correr pelo bairro sem que sejam suspeitos.

Sem qualquer envolvimento com o tráfico, os moradores dessas casas azuis fazem “vista grossa” sobre o que acontece em seus muros e, amedrontados com o poder local, calam-se.

O ponto é um dos motivos de disputas acirradas. Na cena da rua, em seu emprego, o pequeno traficante mantém o rosto voltado para a entrada do bairro. Geralmente, são disciplinados para silenciar, falar e agir com frieza. Todos que asseguram os pontos de vendas estão colados aos postos de trabalho, como se estivessem esperando clientes ou ataques a qualquer momento. A ação de vigiar o bairro é repleta de códigos: não só registram quem entra ou sai do bairro, como conhecem a vida dos moradores, grampeiam telefones, seguem pessoas suspeitas, estão em alerta constante.

A escola do tráfico formaliza, com graus de cumplicidade e competência, uma aprendizagem com regras rigorosas. Não apenas remunera, como dá *status* e poder aos seus membros. Observo que o prestígio do poder no contexto da vida pública vem diferenciar a fala, a conduta, o modo de viver, estreitados por normas e a revelar-se ainda mais complexo e culturalmente plural no cotidiano do bairro. A identidade pessoal desses jovens, a despeito do mundo, situa com nitidez o papel social de cada qual, demarcando mudanças na vida pública e na privada. O poder local do tráfico, sem limites, integra unidades familiares e configura significados à

droga no contexto da condição faminta. Sobre isso, alguns deles dizem que “é melhor estar cheio do que vazio” (Erismar), ou “eu quero mais e não menos” (J.A.).

As unidades e os grupos desse comércio, por sua vez, reproduzem formas de poder variadas, a depender do grau de hierarquia que ocupam nessa atividade. Os traficantes apresentam, de fato, a melhor situação econômica do bairro, e é no ambiente doméstico que é reproduzida a sua autoridade sobre os membros da casa. Em suas unidades não faltam alimentos, nem aparelhos elétricos, em especial, vídeos.

A “máfia” – como Tiêta nomeia a organização – é uma temática presente no dia-a-dia, no drama de quem vive com falta de dinheiro e trabalho.

– Eu queria vender só um dia pra ganhar uns 300. Levar um pacote (Lívia)

– Está doida mulher? Quem entra não sai (Maria).

– Pois eu também queria, pagava minha luz e ainda sobrava (Tiêta).

– Eu ia embora daqui. Vendia uma vez, ganhava uma bolada e depois fugia pra bem longe e cheia de dinheiro (Lívia).

Assumir o comércio da droga é, para alguns, um atributo de coragem, um desafiar o poder da polícia, o que faz estimular indiretamente a ampliação desse violento setor, na medida em que não existem projetos sociais eficazes para a população. Também, vale registrar a participação direta de policiais na extorsão de dinheiro desses setores, o que vem demonstrar a qualidade dos projetos de combate ao crime organizado do narcotráfico.

.....
Tem polícia que chega aqui e cobra R\$ 600,00 pra soltar um menino daqui, quando ele prende. Às vezes, os meninos não estão fazendo nada, e ele prende porque quer dinheiro. Eles inventam uma ocor-

rência lá pro delegado, e prende. Solta e diz que eles têm 24 horas pra arrumar dinheiro, e ainda diz quanto quer, é sempre R\$ 600,00, não é 200, nem 100. Aí os coitadinhos dos meninos ficam doidos. Eles vão furtar, assaltar, arrombar carro, vender as coisas pra ter o dinheiro.

[...]

Tem gente aqui que diz que a polícia já matou gente inocente, a polícia tinha prendido pra arrancar dinheiro deles, eles não pagaram e a polícia matou. Como é que a gente vive num país desse? A gente tem governo? A gente tem o que? A gente pode reclamar pra quem? (Sílvia).

.....
... isso é o inferno. Ninguém aqui pode ter paz, ninguém aqui vive com Deus. Tenho medo de meus filhos, minhas netas que ficam vendo essas coisas, que infância mais horrorosa pra elas (Renilda).

Os moradores sentem e ressentem a ausência de governo na cidade, principalmente no que concerne ao combate às drogas e a falta de professores nas escolas e interpretam os discursos oficiais que assistem na televisão, como uma “falta de respeito com a gente” (Renilda). Eles percebem o abismo que existe entre propaganda e realidade: “O governo gasta dinheiro pra falarem deles mesmos e na prática não fazem nada” (Renilda). “É tudo palhaçada do governo” (Augusto). O vazio de projetos gera a submissão às drogas e a sucessão de imagens que transformam o contexto da pobreza na mais terrível condição humana.

... o país está pior do que antes por causa do desemprego. Antes a gente pegava um carrinho de mão emprestado, botava umas verdurinhas e saía pelas ruas vendendo. Hoje não dá mais. Tem gente demais vendendo e o dinheiro está curto (Renilda).

.....
A pessoa está empregada e de repente por um motivo ou outro, perde o emprego. Não tem como correr atrás, perde a coragem, não sei o que é que acontece, aí busca a solução dos problemas nas drogas. Matam e morrem pela drogas.

[...]

Você passa aqui de manhã cedo, vê as pessoas usando maconha como café. Todo tempo você vê alguém sempre usando uma maconha, um *crack*, uma cocaína, um pico, sabe lá o quê. O pior é que eles (consumidores de drogas) não têm comida, não sentem nem vontade de comer. A comida é difícil da pessoa correr atrás, e as drogas vêm pra porta sem precisar você correr atrás. Desde quando aqui o lugar era chamado boca-de-fumo, a maioria vive disso, eles tomaram as drogas como meio de vida (Elton).

Para esse tipo de “meio de vida” há uma diferença marcante entre os consumidores e os comerciantes das drogas. Uma população vendedora, conta com a força de trabalho de crianças e adolescentes que circulam em todo o bairro e fora dele, numa postura que tem como disciplina o sigilo e a fidelidade aos chefes. Também para os consumidores, as relações são de submissão. O tráfico exige outras concepções de vida, que interagem nas relações mais íntimas de cada unidade doméstica. É uma ambiência que traz temor com a estratégia armada a desafiar outros bandidos e a polícia, procriando diferentes padrões de vida dentro da pobreza. Em meio a esse contexto, as relações sociais são ainda mais ambivalentes. A solidariedade coexiste com o conflito, como em qualquer outra sociedade competitiva, mas a violência física, com ameaça de morte, constitui uma espécie de herança desse grupo sobre a população. A ritualidade do poder do narcotráfico atinge os drogados, os traficantes

tes, os moradores que não participam diretamente desse negócio, e sobretudo os jovens que perderam a vaga na escola ou o interesse por ela.

.....
Se fulano encontrasse um emprego que pagasse a ele R\$ 300,00, que é o que ele ganha na droga, ele saia dessa vida.

[...]

Sair é arriscado, porque quem se envolve com droga fica ligado nos grandes. Como se ficasse devendo a alma. Eles matam até se sair. Conheço gente que saiu, mas entrou de novo; não pode sair de vez. É como se fosse uma tatuagem miserável, que não sai. É uma contaminação. Entrou, não consegue sair.

[...]

Se o governo fizesse um trabalho de educação e solidariedade, a coisa ia melhorar. Em vez do governo gastar milhões em propaganda política, podia recuperar essas pessoas envolvidas na droga. Porque os jovens vivem uma vida dura e crua (Renilda).

O termo emprego não se refere tão somente a uma atividade com carteira de trabalho ou biscate, mas a toda e qualquer forma de ocupação que gere alguma remuneração⁸. Desse modo, o lumpensinato está dentro da categoria de trabalho ou emprego. Ladrões e traficantes consideram-se empregados, e do mesmo modo, os mendigos. Os que recebem auxílio do INSS, são os “empregados encostados”, porque têm “salário todo mês”. Férias e licença são termos do trabalho formal, utilizados no bairro, analogicamente para quem está preso. Enquanto que “férias”, para o trabalho formal, significa estar livre do cotidiano do trabalho, no mundo do crime, o termo representa a restrição da liberdade da prática do crime, com a prisão.

Nem a morte parece interromper a violência. Foi assim que, numa manhã, encontraram mais dois corpos no Beco da Morte. Eram rapazes

moradores do bairro e nem os seus pais puderam identificá-los à polícia, porque quando os envolvidos no tráfico são assassinados, a família não se apresenta à polícia, e nenhum morador pode identificar os corpos. Dizem, então, que “são gente de fora”, que estavam passando por ali.

Foi dessa maneira que uma mulher, ao ver seu “menino” de 18 anos ser fuzilado na porta de casa, não pode se aproximar do filho morto. Ficou trancada dentro de casa, esperando chegar a polícia e o rabeção do Instituto Médico Legal. Quando a polícia perguntou, do lado de fora da casa, quem era o rapaz ali no chão, taparam a boca da mãe em desespero, dentro de casa. Falavam de seu filho como um “ninguém, sem família”. O sigilo é parte do código do bairro com os traficantes. O medo toma conta, e as pessoas silenciam. Morreu como um elemento, segundo a linguagem policial.

Não há domicílio para os “marginais” e se “não servem em vida”, a morte parece ser o único destino, como me disse Valdemar antes de torna-se apenas um corpo. Como que desfocado do mundo, ele não foi capaz de se adaptar, quebrou o sigilo, “falou o que não devia de falar” [...] “Foi bobeira, ele entregou droga pra quem não devia” (Tiêta), e apareceu cheio de balas na porta de sua casa.

Para os traficantes, a morte parece não existir e o tempo se torna infinito. No concreto, a consciência do medo da morte é reconhecida quando matam um amigo do grupo, mas logo se contemporiza. O que importa é a encarnação de um estado social que elegeram para viver para não ter fome. O tempo presente simboliza a eternidade das relações de um com os outros e a necessidade do desapego afetivo com os amigos e os parentes.

No dia seguinte ao crime, “tudo é igual”, como “coisa comum por aqui”. Nessa naturalidade de quem vive um desespero sem tréguas, o acordo é “... esquecer o que aconteceu hoje” (Elza). Como se fosse possível olvidarem-se as ameaças da fome e das balas.

Nesse clima, alguns dos moradores desejam migrar para outros bairros. Um desejo que é como um ponto estático no seio dessa guerra. E para onde iriam? Perguntam-se uns aos outros. Não querem contemplar o horror constituído (lembrando PAUL SARTRE, 1997: 75), nem de se refugiar na reflexão, e tratam de viver horrorizados. Toda uma conduta imposta por balas perdidas de tiroteios, ameaças policiais, todos, sem exceção, parecem condenados a viver “neste inferno”, como nomeiam o bairro.

Com escassos recursos e escassas escolhas, as estratégias do cotidiano ficam condicionadas aos diversos fatores macroestruturais, que restringem ainda mais a manutenção imediata da sobrevivência.

Sem escola e sem apoio, os jovens se tornam pedintes e pequenos transgressores, com furtos, e aprendem a se defender e a fugir do cerco policial. Como traficantes, arriscam suas vidas: querem viver e não morrer de fome, ainda que, para isso tenham que horrorizar e se submeter aos esquemas perversos do próprio tráfico. Assim, recria-se o cotidiano com práticas individuais inseridas no conjunto dos que habitam esses morros, a controlar suas vidas.

Lembro que era meio da tarde quando contei quinze jovens e crianças, de mais ou menos oito a dez anos de idade, fumando *crack*, sentados, recostados no muro que dá acesso ao tonel de lixo da Vila. Uns ficaram ali depois do fumo, outros saíram correndo ribanceira abaixo em direção à Avenida. Uma mulher que também assistia essa cena disse que os que saíram foram “aprontar pela rua, ou pra roubar ou pra pedir dinheiro nos carros” (Lindauro).

É no espaço mesmo do bairro que eles se sentem adultos e diferentes. O ser diferente passa pela liberdade de fumar e ter relações sexuais desde muito jovens. Com um mínimo de vestimenta eles (como qualquer outro jovem) instauram uma ideologia que habita o mundo cotidiano.

O rapaz de peitos desnudos, com bermuda abaixo da cintura, mostra um pouco as nádegas, e a moça de bustiê e roupas justas, indicam ambos a busca de uma regularidade, um consenso, uma conexão com as mensagens que recebem da mídia e que os colocam de frente ao mundo. São tatuagens e enfeites sobre um corpo que os fazem sentirem-se presentes no tempo. Uma atitude intramundana para reabilitar a cotidianidade, um valor em que se inspiram para abandonar tradições e encontrar, notadamente, uma expressão corporal que se ajuste à imagem midiática gerada pela ideologia do consumo. Estão nesse mundo e não fora dele. Negros, na grande maioria, são também loiros tingidos e estão no centro das imagens que adotam para si. Desse modo, traduzem e também criam mensagens, numa dinâmica cujos parâmetros de beleza, cor, moda, comportamentos e linguagem são revelados como leituras particulares, jogando na força do imaginário suas expressões corporais. Nessa busca concorrencial, expõem a virilidade. Um signo de poder perante o grupo, um componente do sistema real, em que a semiologia pode aventurar-se a interpretar, como um sentido que oculta a fragilidade de estar-no-mundo de grandes privações.

No plano real, exercitam poder sobre os moradores, como uma necessidade, uma condição que implica reafirmar o sentido da diferença em seu meio, para ser, também, fora dele. Desse modo, a criação da academia de malhação do bairro, com sucatas, correntes e cordas, conforma a construção da idéia de se colocar junto à publicidade do corpo e sentirem-se iguais no mercado. É nesse lugar, no *point* de quem não é “careta”, onde eles se reúnem para compartilhar e reordenar a realidade, numa certa ordem que tem, na linguagem, a via de correspondência capaz de interromper diferenciações com outros setores sociais, ao menos em seus imaginários.

A linguagem adota e modifica termos da mídia e soma-se a outros – “*diet, sou light, sou normal, quieto, do bem, estou cheio de amor*” etc. –

expressando o sentimento de atualidade perante o grupo. O estilo ocupa sem cessar o desejo de sentir-se pleno, para transfigurar a existência faminta, gerando expectativas de viver o que a escola formal ainda não lhes deu. A necessidade é aprender sobre computadores e inglês, porque, “essa (escola) está fora, não serve pra gente”. E deixaram a escola porque, “...saturei” “... não dá mais, a professora invocou comigo, eu não fazia nada, era quieto, mas ela não entendeu nada”, “... não tinha computador”, “... não tinha inglês, pra gente falar com os turistas, ler os *rock*, se comunicar com as músicas, se dá bem com eles (os turistas), falar dólar, entendeu?”

A comida dos famintos

Esse aqui é o almoço de ontem e de hoje. Amanhã eu me viro, nem penso. Eu como depois. De noite só tem nescafé. É essa [...] a comida deles. [...] Comida de pobre é assim, não tem feijão todo dia não. Amanhã vai ser pirão de osso, e se tiver um ovo vai ser novidade. Um ovo que dá pra todo mundo (Sílvia).

Sílvia chegou em casa com a feira, descascou o inhame, colocou no molho de água com sal. Disse que é pra render mais. Lavou e partiu os maxixes em pequenos pedaços, escaldou com bastante tempero (alho, cominho, pimenta de cheiro, coentro) e colocou um pouco de dendê, um pedaço de pimentão, metade de um tomate e farinha. Tinha recebido o salário. Depois, guardou o pão. Disse que é a reserva dos filhos quando choram à noite. Sobre a comida de amanhã, diz: “...sei não, o que eu vou fazer, é quase a mesma coisa de hoje, muda assim, uma coisinha e outra, até o dinheiro acabar”.

.....

Abóbora cortadinha com maxixe e tempero, um dente de alho, um pedacinho de pimentão, tomate, cebola e coentro, a gente pode fazer

um recheado com óleo, carne seca e tempero. Deixa cozinhar um pouquinho e depois bota um osso e quando tem verdura bota também. Bota água até o meio da panela, quando está pronto, bota três xícaras de farinha e mexe bem. Faz aquele escaldado (Sílvia).

Escaldado ou pirão, dá no mesmo. Corresponde ao almoço ou ao jantar e pode ser acompanhado de feijão sem carne, arroz ou macarrão, pimenta. Esse é o senso comum, o gosto comum; e o alimento básico é a farinha de mandioca:

.....
... ninguém aqui fica sem ela, aqui. Ela levanta até morto (Tiêta).

.....
A gente luta pra ter ela porque não se acha no lixo. É mais barata do que feijão. A gente comia feijão todo dia, era antigamente, agora a gente come é pirão que é comida de pobre. Bota osso dentro, pra ficar com o caldo grosso (Gorete).

O escaldado de farinha com temperos oferece variações, conforme a associação com outros alimentos. A preferência é adicionar carne de boi ou de galinha, com quiabos e maxixes. Mas, no receituário pequeno, a culinária tem poucas opções: escaldado de cabeça de peixe, carcaça de galinha, abóbora com maxixe, gordura, alho, e sal etc. Em situações extremas, o indivíduo cria outro tipo de “alimento”:

.....
Teve época que eu fazia sopa de papelão. Um dia os meninos estavam tudo chorando, e eu precisava fazer uma coisa. Aí uma comadre me ensinou. Lavei o papelão que eu estava catando pra vender e botei na panela com água, botei um salzinho. Eles pensaram que era comida e comeram. Depois, uma amiga me ensinou a botar um pedacinho

de cardo de galinha, uns pedacinhos que vende na venda (Maggi), umas folhinhas de coentro, pra ficar igual canja de galinha. Aí fui fazendo assim, até os meninos ficarem grandinhos eu ainda fazia. Depois deixei porque eles não quiseram mais. Fui fazendo mais pirão e eles foram me ajudando pra comprar farinha (Val).

.....

Tem D. Neuza, mais os filhos, que tomaram sopa de terra. Ela agora está morando com um cara que vive do lixo. Bota os meninos pra catar lixo. Tem os filhos velhos, mas são tudo pequenos, são desnutridos. Aí engana, a gente pensa que são crianças, mas já são velhos (Regina).

A condição de escolha é limitada e os diferentes modos de concepção da necessidade alimentar encontram-se envoltos em aspectos cognitivos, seguindo tradições e incorporando valores. Também, as sensações do gosto e o estado de prazer proporcionado pelo tempero ocupam diversos significados. A comida pode ser “insossa” ou “batizada”, depende da natureza da pessoa. Para Elza, o sal limpa a alma, porque “... livra a pessoa de tudo” [...] “É sal fino na comida e sal grosso no corpo, pra tirar coisa ruim, do corpo e da comida” [...] “Quando a pessoa não pode mais comer sal, aí só passa o sal grosso no corpo, duas vezes na semana”. Os temperos da comida e do corpo se confundem, para dar lugar ao equilíbrio da pessoa no mundo.

O pirão ou sopa de papelão é comum, principalmente para os que convivem com o lixo. O aspecto lembra sopa de feijão, e o cheiro é o de qualquer sopa com temperos verdes. Mas é ofensivo falar sobre isto. Como um constrangimento, uma vergonha, a mulher justifica que usava esse tipo de sopa, e refere-se que outras famílias ainda usam, quando “o corpo já está cansado pra sair pra procurar outra coisa” (Núbia). Do mesmo modo, Val utilizava os biscoitos de barro para seus filhos, quando ainda eram

crianças, seguindo a receita de uma amiga: “Se amassa bem o barro com um pouco de açúcar e água, faz as bolinhas e deixa no sereno por um dia”, pra servir de merenda para as crianças menores. Merendar significa beliscar, na gramática alimentar do bairro. Para o adulto, comer um belisco pode se referir a uma mão de farinha pra melhorar o calundu de fome, e para as crianças, um “golinho de garapa” ou “de chá”. Garapa é água e açúcar, e o chá de criança é geralmente feito de cidreira, porque é “a folha que mais alimenta a criança e ajuda a limpar o sangue e os vermes da barriga” (Tiêta).

A culinária de restos e sobras de alimentos recolhidos do lixo dos mercados, açougues e lanchonetes é detalhada no cuidado da limpeza dos ossos e dos pedaços de verduras. O pirão de cabeça de peixe ou de ossos de galinha tem sabores e cheiros que “enganam”, porque “tem gente que pensa que nós aqui está comendo comida de barão. São os temperinho que a gente bota”, [...] que a comida fica gostosa “, porque os” “...temperos estão nos dedos”, ou no tato, no tratar e sentir com as mãos a porção diária de cada dia.

No orçamento familiar de três das famílias estudadas, o gasto em temperos é mais privilegiado que o gasto em água ou em luz elétrica, ainda que os alimentos tenham sido adquiridos no lixo; “depois que refoga tudo, com os temperos ninguém se lembra que eu peguei do lixo” (Tiêta). Tempero é a mistura de pimentão com salsa, hortelã, coentro, pó corante (urucum), cominho, alho pisado, sal e pimenta do reino. A função é manter o registro da casa e a representação de um gosto herdado da família da mulher, como uma perpetuação da condição feminina, enquanto dedicação e submissão à família. Para as mulheres, temperar significa equilibrar e harmonizar a família, “o gosto do tempero só pega quando tudo é feito com capricho e muita fé”, dando a entender que nenhum prazer de comer costuma faltar para quem toma essas medidas. Quando ocorre um sentimento de ansiedade a perturbar a paz da casa, a comida vem a fazer mal, desandando as pessoas. A res-

ponsabilidade pelo “bem” do corpo e do espírito está vinculada à adaptação do que se tem, do que “Deus dá”. A caracterização do gosto reúne cumplicidade e conformismo, como uma necessidade sensorial a ser sempre experimentada. Para Regina e outras pessoas do bairro, a fé transforma a comida do mesmo modo que Jesus multiplicou o pão, pois o pouco que se come se multiplica dentro do corpo.

São esses alguns vínculos inscritos permanentemente no cotidiano, e que se configuram como uma reprodução da cultura alimentar regional.

A experiência de viver com uma quantidade insuficiente de alimentos gera o que concebem como “fraqueza das carnes”.

.....
Pois então, o menino não come direito e fica molinho, molinho, e vai ficando magrinho, vai perdendo as forças. Vai sumindo as carninhas dos braços e das pernas. As vezes é doença, as vezes não é. Uns são tão fraquinho que parecem uma linha andando. Uma alminha pretinha, andando. Parecendo uma muriçoca (Bernadete).

.....
Esses meninos vivem de belisco. Come pouquinho. Não dá pra ter carne nas pernas. Ficam fracos. Come só essa farinhazinha, um mingauzinho. É falta de fé da mãe. Filho dá trabalho, eu sei como é. As mulheres aí fazem de tudo, mingau de Santo Antônio, de Cachorro, de tudo. [...] Mas é o do Santo, o melhor (Elza).

.....
O mingau de Santo Antônio se faz assim: um pouquinho de farinha cessada, bota de molho com um pouquinho de água, e quando subir aquela palhinha, joga a água fora. Aí bota no fogo pra fazer o mingau ralinho. Aí se o menino for batizado, bota só uma pitadinha de sal só pra batizar o mingau também. Porque não é bom comer nada sem sal, porque faz mal. Diz o povo que quando se come sem sal, diz que

é o diabo que come a comida.

[...] Machuca um dente de alho, assim, e bota dentro do mingau. Bota no fogo, mexe, quando cozinha tira aquilo bem ralinho quase água. Esse mingau levanta qualquer pessoa. É um fortificante. Acho que tem vitamina, por isso levanta. A pessoa com fraqueza do pulmão, *nemia* (anemia), isso tudo cura” (Elza).

Elza relembra como conseguiu salvar seu único filho:

.....
Ele estava perdido, não se agüentava mais, nas carninhas pouca das pernas. O corpo mofino. Os olhinhos pedindo pra ficar. Aí fui ver mãe, e ela me lembrou do Mingau de Santo Antônio.

[...]

Mingau só, não adianta. Tem que fazer reza, muita reza. Rezar quando está fazendo o mingau, mexendo a panela e rezando. Se a pessoa não quiser rezar pode ficar assobiando que o Santo gosta. O mingau é Santo. Por isso que chama Santo Antônio, o pai dos pobres. Ogum dos pobres. O curador, o médico das crianças.

[...]

Acontece um milagre quando se está fazendo o mingau de menino. O mingau vai mudando, vai mudando até dá o ponto. [...] A gente sente o ponto chegar, uma babinha rala. [...] Cura tudo, cura a fraqueza.

[...]

As coisas que aparecem no corpo não são só doença das carnes, é também dos espíritos. Por que é que tem menino que fica com isso e outros não? É inveja em cima da casa da pessoa, em cima da criança. É olho. Por isso tem de batizar logo, botar um dentinho de alho na roupinha da criança. Aí não tem doença que pegue (Elza).

Esse alimento, também conhecido como “papa de menino”, é o mais comum para quem não tem leite para as crianças. Sobre isso, algumas mulheres definem o mingau de Santo Antônio: é a “farinha molhadinha e crua sem sal, com um dente de alho pra espantar o cão”. Outras crêem que é necessário o cozimento até um ponto, no qual pode se sentir a presença do Santo: “Eu sinto o Santo segurar a minha mão na hora que estou mexendo a panela” (Regina). “A gente sente que é o Santo que está mexendo o mingau [...] Tem esse nome porque é forte, aí se a gente chama o mingau com o nome dele (do Santo), ele dá força para o mingau” (Val). “É remédio, porque tira fastio. Serve pros nervos, e pra qualquer coisa que a pessoa tiver de ruim (Elza)”.

Está na vontade de Deus a confirmação de a pessoa ver, em Santo Antônio, uma constância invisível para “acorrentar” todos os problemas da pessoa. O momento de reencontro com o Santo se dá de modo especial, no fazer diário a alimentação da criança, mas o triunfo da cura sobre a fraqueza da criança está na mãe, depende dela, da sua espera no Santo que “chega” para mediar a cura. Ao fazer o mingau, este se torna sagrado, e a natureza da pessoa se revela ao mundo: “Se for uma mãe boa, o filho fica bom” (Elza). As curas para outras doenças são experimentadas de muitas maneiras, como a água de limão e as rodela de goiaba para as dermatoses (hipovitaminoses), que aparecem como na boca e nas orelhas. Mas, a fé no Santo torna o mingau o alimento principal contra a “fraqueza”, ou desnutrição.

Diferentemente, o mingau de Cachorro é sempre cozido e grosso. Está mais próximo de comida que mingau, porque se cozinha com qualquer tempero, sal, alho, alguma gordura e resto de qualquer caldo. “É mais gostoso. É a comida de criança e de adulto. Toda casa que tem menino tem mingau de Cachorro” (Tiêta). “Tem esse nome de Cachorro, não sei porque. Vá ver que é porque cachorro é um bichinho amigo, é mandado de Deus pra ajudar a gente” (Lêda). “Ninguém come ca-

chorro, aqui se come gato, mas só quando não tem mais nada pra comer. Só quando a gente está na pior” (Tieta).

Outra tradição é a “comida dos anjos”, ou a segunda mamada, a que sucede a ingestão de leite por mamadeira. O resto de leite, o que fica nas paredes do frasco (mamadeira) é misturado com água e oferecido novamente à criança. Para algumas mulheres, a “comida dos anjos” é tão forte quanto o próprio leite, e significa também “render, trazer sorte”, para nunca faltar dinheiro para comprar o leite.

Mas é o leite materno “o melhor alimento de criança, que chega com Nossa Senhora, pra aliviar a gente [...] E quando a mãe tem algum problema, o leite não presta. Quando a mãe está desanimada, sem vontade de ser mãe, aí o leite fica que nem ela. Desandado” (Elza). Sobre isso, outra moradora fala sobre o “desgosto” de sua filha e o desmame de sua neta: O leite dela (refere-se ao leite materno da filha) era aquela água pouquinho, e ela me dizia que sentia que era fraco [...]. A pessoa sente quando a coisa não presta” (Lourdes).

O cuidado com o corpo, esse domínio historicamente feminino, registra significados que garantem à mulher um convívio de respeito e alguma autoridade. Até mesmo quando um homem vive só, ou com filhos pequenos, as vizinhas se preocupam em administrar-lhes conselhos e alimentação.

Fora desse âmbito, em unidades onde o homem se encontra desempregado e a mulher sustenta a casa, o orçamento é coordenado por ele, tornando ainda mais desigual à condição feminina nesse espaço social. Em geral, o tema da fome “é coisa de mulher”, porque, segundo os homens, “ela é quem sabe mais dessas coisas”, “ela é quem sente mais”, “ela fica doída quando não tem nada”, “não dorme olhando a porta”. De fato, a mulher apresenta uma produção discursiva sobre a necessidade do alimento para a família, com mais ênfase que o homem, o qual se mantém

numa determinada posição cultural de distanciamento sobre esse tema, ainda que tantas vezes transite contracenando com a mulher sobre as dificuldades para a manutenção da casa. A fome percebida como uma força estranha que invade a vida da pessoa, não é um pensamento apenas do universo da mulher. Todos podem conceber esse fenômeno *a priori*, para além da carência alimentar.

A experiência de viver com fome: sentidos físicos e significados

As carnes tremem, aí eu corro e boto uma mão de farinha na boca, depois faço um pirão e vou passando. Pior é quando nem tem farinha, aí não durmo pra esperar ela (a fome) chegar (Val).

De que fome os homens e as mulheres do bairro se referem, senão uma manifestação para além das sensações do físico ?

Sobre esta e outras questões, sugiro um contraponto: os conceitos agenciados historicamente pela clínica e pela epidemiologia, que concebem a fome como doença, e os significados da fome dados pelos moradores deste bairro, os quais constroem em suas vivências cotidianas representações metafísicas que são produzidas pela tradição de viver a privação extrema.

A semiologia clínica trata de entender a fome como a sensação de falta de alimento após um período breve de ausência, identificando-a como um mal estar acompanhado de dor no estômago (BOOTH, 1978), tremores e tonturas (MAYER, 1953: 13-16), em qualquer indivíduo, independentemente do contexto social em que vive. O termo fome, até mesmo, refere-se às imagens de alimentos lembrados e que foram retirados da dieta, ou alude à criança magérrima, marasmática, em sua fase principal de desenvolvimento (CASTONGUAY; APPLGATE; OPTON; STERN, 1984:19-65).

O termo pode ser usado para, especificamente, referir-se aos sinais internos que estimulam a vontade de comer, provocando uma sensação de vazio, distinta de apetite (*Idem*, p.26-7). Os sinais de fome são intensos e originam-se dos sistemas nervosos (central e periférico), conforme as descobertas de Cannon em 1929. Trata-se de um número de áreas receptivas – hipotálamo, receptores adrenérgicos, núcleos paraventriculares, entre outros, tecido adiposo, hormônios (insulina, glucagon, os do crescimento, os do sexo), e o estômago – responsáveis pelos sintomas da fome, como foram demonstrados mais tarde nos estudos de Morgan e Morgan em 1940. Os sintomas mais freqüentes são as contrações gástricas momentâneas, ou dores no estômago (MORGAN & MORGAN, 1940:137-147).

Sobre isso, os moradores do bairro falam de suas sensações:

.....

Eu sinto igual que todo mundo sente. É um buraco aqui (nível do estômago) (Cida).

.....

Eu fico paradona, tenho de comer qualquer coisa. Todo mundo aqui tem um pouquinho pra comer. A gente come uma ou duas vezes por dia, ou as vezes só faz uma boquinha, depende do bolso, que tem dias que está assim, ói (mostra as mãos abertas em aceno, como se quisesse dizer, bolso vazio), aí a barriga fica danada pedindo, pedindo, fazendo barulho (Tiêta).

.....

Tem dia que eu como é só vento, aí sinto de tudo, é muita dor de cabeça, o corpo fica desanimado (Elza).

... dá um vexame na barriga (Marta).

... quando passa da hora de comer, me arrepia toda (Vera).

Pior é quando a menina chora de noite e eu não tenho nada pra dar,

aí eu fico pirada (Sílvia).

Dá uma tristeza profunda (Renilda).

Cannon (citado por CASTONGUAY, et al, *Op.cit.* p.19- 22) demonstra que as sensações de fome aparecem em graus acentuados ou não, a depender do intervalo de tempo da ingestão de alimentos, tendo cada indivíduo uma sensibilidade e um intervalo próprios e condicionados por hábitos culturais. No nosso estudo, o termo fome transcende, mas também considera, a sensação física de vazio.

Para Agnes Heller (1983), a satisfação dessa necessidade biológica move o homem como um “impulso” para garantir a sobrevivência, mas suas ações são controladas por estímulos externos, ambientais, culturais e históricos. Ao sentir fome, o ser humano age de modo seletivo. Por certo, o homem civilizado que sente fome dificilmente irá lambear os restos de comida do chão ou comer determinados animais e vegetais.⁹ O processo seletivo, o comestível ou não, será sempre culturalmente definido, o que me lembra o personagem Fabiano e sua família – do livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos – que, no desespero da seca, poupam a cadela Baleia até o último momento, quando já não agüentavam as sensações de fome. Para Heller, a satisfação é um estímulo biológico, socialmente objetivado pela necessidade (HELLER, 1983: 20-1).

A carência permanente de alimentos leva à desnutrição¹⁰, a qual, com graus de severidade, apresenta uma etiologia específica e uma temporalidade própria. É uma doença que define prejuízos orgânicos, principalmente se acometida nos primeiros anos de vida, e cujos sinais aparecem com mais nitidez no episódio de maior gravidade.¹¹ Conseqüentemente, o discurso oficial da saúde oferece preocupação apenas com os casos mais severos, em risco de morte, por implicar associação com a diarreia, a desidratação e outros sintomas e enfermidades.

As ciências naturais reconhecem qualquer doença a partir de uma constatação clínica, com sintomas e sinais ordenados para uma identificação específica. Sobre tais observações, Mishler (1981) entende que o modelo biomédico ocidental isola, ou não enxerga, os elementos socioculturais que envolvem a doença, reduzindo a etiologia e a conduta terapêutica às abordagens nem sempre acordadas com o contexto social na qual a doença ocorre (MISHLER, 1981:1-23). Ao reforçar esse modo dominante de pensar os problemas da saúde, a morbidade, qualquer que seja, adquire um idioma científico que tipifica predicados uniformes e universais, sustentados por uma semiologia cuja conduta funcional possibilita a interrupção de outras verdades sobre o corpo, no processo de enfermar-se.

Em geral, o modelo que trata a fome crônica como uma doença divorcia-se das condições sociais e históricas de quem vive o problema na pele. Uma pele nem sempre em pergaminho ou sinalizada por carências de nutrientes, mas que reveste um corpo que experimenta o sofrimento moldado pelo cotidiano carente e incerto de obter diariamente a alimentação de que necessita. Uma carência que não afeta apenas o corpo, mas também os significados de um estar no mundo desprovido, desapropriado, desagregado.

Os traços que velam o tema da fome nas instituições de saúde do país aparecem refletidos desde o diagnóstico da desnutrição. Entendo que a questão que circunscreve um “estar normal” e um “estar desnutrido” merece ser interpretada para além ou aquém de uma curva oferecida pela antropometria.

No desenho do gráfico antropométrico, uma linha separa os campos da normalidade e da desnutrição, assinalando o desvio físico sobre uma curva padronizada, literalmente estabelecida pelo padrão internacional de referência populacional do *National Center of Health Statistic*, reco-

mendado pela OMS (NCHS, 1983). Este padrão é utilizado em grande escala no Brasil a partir da implantação do Cartão da Criança, pelo Ministério da Saúde desde o final dos anos 80.

Nesse gráfico, pode-se observar que um decimal para menos ou para mais, sem outros elementos do individual, define a situação ou não de desnutrição. Essa pode estar manifesta no limite mínimo e sutil de um ponto. Ou seja, do limiar seguindo o movimento numérico desviante do padrão normal (aproximado ou não do ponto instituído), encontra-se o quadro mórbido. Desse modo, logo abaixo da curva de normalidade, instala-se, de modo silenciado de sinais, a desnutrição concebida como leve e que tende a avolumar-se num cotidiano de precárias condições ambientais. É exatamente nesse lugar numérico que a doença pode tornar-se crônica, não matando imediatamente, mas predispondo o corpo a outras enfermidades, ou levando a criança a uma sobrevivência atrofica, crescendo e desenvolvendo-se com dificuldades.

Sem sinais clínicos em evidência, a desnutrição leve é, em geral, pouco valorizada nos palcos do sistema oficial de saúde (MS/INAN, 1993). Entretanto, a duração desse tipo de desnutrição – subclínica, oculta, grau I, um pouco magro, até o percentil 10 (ou que nome tenha) – vem indicar a saga crônica da doença como um processo lento de perda constante de massa corporal. Trata-se de uma contínua condição de fome, latente e em silêncio, a tomar conta do corpo. Um silêncio físico, pela ausência de sinais, e acobertado pelo silenciamento oficial, na medida em que, em geral, não há lugar para essas crianças levemente desnutridas nos programas de suplementação alimentar. O crescimento relacionado ao tempo de duração da desnutrição, produz uma pequena criança que exige menos alimentos para viver, e, nessa adaptação, o peso para a altura pode apresentar-se normal. Para os paradigmas clínicos, a desnutrição afeta o crescimento, está no passado (BATISTA, 1992). Nessa remissão

do tempo, o método clínico não é capaz de conceber a presença de fome e muito menos os significados da fome.

A representação de uma desnutrição aguda (ou do presente), ao transformar-se numa situação “pregressa”, ou nanismo nutricional, num tempo próprio de cada criança, em seu meio social, vem confirmar a nosologia, antes velada. Esse quadro, perdido de vista pela clínica, configura a perda da desnutrição como um objeto do presente, para ser conotado mais tarde, deixando de pertencer ao domínio da clínica, para entrar definitivamente numa dimensão ainda mais complexa: uma doença *natural* da pobreza.

O deslocamento temporal da desnutrição é uma questão conceitual chave, para a interpretação dos achados antropométricos. Contudo, não é nosso interesse aprofundar essa discussão, porque não é esse o foco de nossa investigação. Citamo-la apenas como uma demonstração do modo de ocultar a magnitude da fome na sociedade brasileira. Essa é uma contradição que colabora com o encobrimento de outros aspectos da fome, visto que não somente se omite o início da desnutrição, como se nega a sua existência como entidade da condição de fome crônica.

Também, não estão no alvo dos estudos da saúde os aspectos específicos que possam caracterizar e dar significados à normalidade nutricional das crianças dos estratos sociais de baixa renda. A preocupação com a magnitude numérica do problema da desnutrição grave coloca a normalidade e as formas leves como achados que não merecem explicações. Entretanto, todas essas situações são socialmente produzidas num dado contexto, com características socioculturais próprias e diferenciadas, variando para cada grupo social e de cultura para cultura.

Normalidade ou doença, de maneira geral, estão estreitamente relacionadas ao caráter cultural, quase sempre, expresso através de representações pelos que vivenciam um determinado problema (LAPLANTINE,

1991: 38). Ainda que as tabelas estatísticas apresentem resultados de normalidade para o estado nutricional, os sistemas de valores, a temporalidade e o espaço em que vivem as camadas populares são significativos para seus processos corpóreos em suas realidades.

Nessas condições, o indivíduo que não repõe seus gastos energéticos diários constrói para si a naturalidade de sobreviver com a carência alimentar imposta em seus espaços sociais. Conforme nossa observação no bairro, as atividades cotidianas configuradas numa cultura historicamente moldada sob a vida atrofica, pertencem a uma temporalidade da condição de fome, tornando possível compreender que, mesmo para aquele que não tem mais uma dieta pobre como no passado, em sua memória se encontra o registro inevitável da experiência do sofrimento de fome, a ser transformado em sentidos que se apóiam numa cultura de fome.

Com essa premissa, os adultos obesos e famintos – aqueles de um aparente corpo nutrido – rompem as concepções biomédicas, abandonam a versão da clínica e tornam-se corpos que expressam a intersubjetividade da condição de fome¹².

Na dimensão da clínica, as crianças nanicas e os adultos obesos das camadas populares, nem sempre são entendidos como famintos. A leitura ética sugere para o corpo gordo, aquele que come em abundância e, para o magro, o inverso. Tratam-se de construções sustentadas por um idioma mediado pelo peso, a representar uma gramática de enunciados fechados e a significar um emudecimento de outras condições sociais da pobreza. Nesses termos, os estudos antropométricos, se isolados dos recursos das ciências sociais, deixam de enunciar a compreensão da fome no mais amplo sentido sociocultural.

Finalmente, a fome como uma enfermidade claramente definida pela clínica, encontra lugar no bairro, mas serão muitos outros os signos interpretados pelos atores, fora dos limites concebidos pela ciência.

A partir dos diversos aspectos aqui destacados, os moradores seguem em direção à adoção de ações contra a fome, mas o desemprego, as muitas barreiras sociais que a população encontra no mercado de trabalho e os baixos salários oferecidos pelo mercado legal não lhes oferecem muitas possibilidades de escolha. Estas são condições que “enlouquece a pessoa”, angustia, revolta e atrai a droga para o consumo ou a venda.

.....
Aqui todo mundo é meio doido. Ela (a fome) deixa a gente doida. É muita preocupação. Mas, doido comprovado, tem pouco.

[...]

O juízo da gente é um nada. Pra a pessoa perder é daqui pra ali. Vem meio-dia a preocupação de dar comida a filho. Sem emprego, não dá. Pior é deixar ela (a fome) vim pra cima da gente. Ou a gente ganha ela ou ela ganha a gente (Regina).

.....
Já vi gente na minha rua que não tinha um grão de arroz, nem um pouco de farinha pra comer. Já cansei de chegar nas casas de morador e não ver nada. Mas a sociedade quer esconder isso. Ninguém quer falar sobre isso. Não dá pra esconder que tem gente passando fome, não dá (Renilda).

.....
Um ovo pra dividir com os dois filhos, é mole? (Tiêta).

Para uma perspectiva analítica, descrevo os aspectos comuns e as diferentes abordagens sobre o fenômeno da fome em algumas unidades domésticas, junto ao testemunho das protagonistas deste estudo.

Val é natural de um município do recôncavo baiano, tem 49 anos e migrou ainda jovem, com uma amiga, pra seguir um namorado. Vive com seus cinco filhos e agregados (uma prima e uma amiga) em uma

pequena casa de dois cômodos. Conta que para cada gestação, sofreu o abandono do companheiro da época, gerando filhos de pais diferentes. “Bastava eu estar prenha que eles me deixava, quase fico doida de tanto desgosto na minha vida”. Nos últimos dois anos, já não trabalha mais fora de casa e é sustentada pelos filhos que lhe dá uns R\$ 100,00 por semana. Dos filhos, três estão envolvidos no tráfico de drogas e dois são viciados em *crack*. Cada um dos traficantes tem um posto específico de trabalho, dentro e fora do bairro. O mais velho, com 27 anos, era até alguns meses o chefe declarado da unidade familiar, até que foi preso quando traficava cocaína em um hotel de Itapoã. Conforme o comentário de uma vizinha, ele é um dos moradores mais perigosos do bairro, “porque entra na casa da gente e leva tudo que quer, se a gente tiver devendo dinheiro pra ele” (Silvia). Um outro filho de Val está desaparecido há cinco meses, “dizem que ele está viajando por aí” (Regina). Atualmente em casa vivem o de 23 anos, o de 18 e a adolescente de 14 anos, grávida e viciada em *crack*.

Quando os filhos eram pequenos e ela não tinha alimentos suficientes, fazia “bolinhos de barro” para enganá-los com “uma merenda”. Diz que sobreviveu dos restos das feiras e mercados “como muita gente daqui”. Seus filhos são analfabetos e “entraram nessa vida (droga) pra não ficar com fome”. A mulher se queixa de insônia, dorme pouco e de preferência “de dia, quando tem gente em casa”.

A casa, a mesma há 15 anos, conforme minha observação, não teve sua estrutura modificada, a exceção de alguns aparelhos eletrodomésticos que se avolumam no barraco de um único vão, uma espécie de depósito de mercadorias adquiridas como pagamentos da venda de drogas. O maior poder aquisitivo alcançado nesse comércio melhorou algum aspecto da sobrevivência, mas não constituiu em uma mudança da qualidade de vida. Continuam sem sanitário intradomiciliar, “mas tem comida todo dia”.

Para Val, a vontade de comer comida ou *crack* “é a mesma coisa”. Nessa analogia, “que acaba com a pessoa”, a fome é entendida como um vício, que submete o sujeito a “fazer qualquer coisa pra comer, até viver num inferno que nem esse” (Val).

Com a face em expressão de medo ao falar sobre a vida dos filhos, ela diz da possibilidade de serem mortos no bairro ou na cadeia. Enquanto narra sua vida sentada na cama, sobre os bordados de flores vermelhas, de cabeça baixa olha para os lados e revela: “Nunca progredi, a Sra. me viu aqui nesse mesmo barraco, e ainda vivo aqui desse jeito, e consegui criar cinco filhos, sem os pais deles. Eles não conhecem os filhos, dá muito desgosto.”

Renilda, aos 14 anos de idade, juntou-se a um circo e fugiu do sítio do avô, no Norte. Sentia-se “sufocada” pela família, e desde então, nunca se comunicou com seus parentes. Chegou a Salvador e aqui ficou porque fez amigos. Em 1973, quando se casou, veio morar no bairro. Desde muito jovem, trabalhou como empregada doméstica e faxineira, até que aprendeu os ofícios de manicure e cabeleireira, profissão que a sustenta até hoje, com seus 43 anos. Sobre a sua chegada ao bairro, diz:

.....

Eu estava procurando um lugar pra morar e olhei pra esse morro, e vi três casinhas no meio do mato, aí subi o matagal. Era uma invasão. A prefeitura não queria que morasse gente aqui. As casas eram de sopo. Aí fiz minha casa com meu marido, que é essa aqui que eu vivo até hoje. Já botei tijolo e fiz banheiro. Tivemos os filhos. Depois, começou a chegar mais gente no bairro, foi chegando, foi chegando e eu fui aprendendo a lutar contra o governo.

Esta mulher, atuante na luta por melhorias da qualidade de vida dos moradores, como o saneamento básico, construção de encostas, creche

e escola, comenta sobre as mudanças do bairro e a dimensão que tomou o narcotráfico: “Aqui a gente tem noites de medo, muito medo de brigas entre os bandidos com os bandidos, e a polícia. A gente não sabe o que é pior, se é a polícia ou se os bandidos”.

Renilda mora com o segundo marido, três dos quatro filhos do primeiro casamento, já adultos, duas netas, a nora e Raimunda – uma antiga agregada, que veio do interior para cuidar da saúde e foi convidada pela família a ficar em casa; não conseguiu emprego como doméstica, porque “não tem mais saúde nas pernas”.

A casa de cinco cômodos (dois quartos, a pequena suíte do casal, sala e cozinha) tem móveis antigos, doados por suas freguesas, televisão, quadro de Che Guevara e de paisagens nos calendários antigos. No estreito quintal fica o sanitário para os filhos e agregados. As panelas de alumínio e de barro, as cestas e caixas para a guarda dos utensílios, uma geladeira grande e gasta, e uma mesa comprida de gavetas dão funcionalidade à cozinha, que é também uma micro-empresa de pastéis, onde as noras e Raimunda trabalham todo o dia. Os pastéis e pipocas são vendidos na porta de casa e tem como os mais importantes clientes os meninos do comércio da droga: “eles pagam com dinheiro vivo, na hora”.

Das muitas aflições de Renilda, o que mais pesa são as dívidas contraídas de um projeto frustrado de carrinhos de cachorros-quentes, resultando na perda do emprego. Além disso, queixa-se de seu marido e de seus filhos desempregados. Por duas vezes, nestes meses, diz que “passou mal”, tendo que ser atendida no Pronto Socorro, com hipertensão. O marido, obeso, diabético e hipertenso, não sai de casa e, sem qualquer perspectiva de trabalho, vive freqüentemente em estado de depressão, gerando mal estar na vida familiar. Constrangida com o ambiente doméstico e amedrontada com a atração que as drogas exercem sobre os filhos, Renilda se sente angustiada e impotente para resolver tantos problemas.

Meu filho estava andando com muitos meninos barra pesada, ele tem 18 anos e sem nada pra fazer. Na escola, na porta da escola, está tendo droga pra vender. Um dia ele disse que não ia mais pra escola porque estavam forçando ele a entrar na droga, chamavam ele de careta porque ele não queria se envolver na droga. Todo dia, um bê-á-bá, todo dia, na porta, dizendo, tome, tome, tome (Ela se irrita, fala alto, levanta, bate as mãos sobre a mesa e lacrimeja).

[...]

Aquí em casa, a gente vive igual como era antes de me casar. Porque nesse casamento a gente tem tudo separado. Eu luto pra botar em casa comida pros meus filhos, e ele tem a comida dele, nem o telefone a gente pode usar. É dele. [...] Mas pelo menos estou casada.

Estar casada representa uma necessidade social: “Acho que eu me sinto, assim, mais segura com ele. Eu gosto dele, não tenho amor, mas gosto, mesmo vivendo assim”.

Essas expressões me remetem a alguns autores como Acácia Dias (1997: 184;189) e Cristina Bruschini (1993: 77), quando se referem às microrrelações de poder dentro da família. As contradições dos diferentes papéis de cada personagem na unidade familiar, a complexidade das situações e a imposição de uma linguagem de poder, nas diversas formas de hierarquia, presentes na cena do casamento, quase sempre condicionam a mulher ao papel de submissão, numa tradição que atrai distintas maneiras de sujeitar-se.

No caso de Renilda, o cuidado para com um homem com vários problemas de saúde, e sobretudo depressivo, é um modo de reproduzir a personagem dessa tradição¹³. Mas, apesar de alguma demonstração de submissão, ela age cuidadosamente (sem atritos), com domínio e poder, em algum espaço da relação. E nessas duas faces da dominação,

aparentemente opostas, ela sabe que ele precisa de sua ajuda, e então sente-se mais segura na relação. Vai à luta, anda em busca de trabalho, faz dívidas, e sem contar com a ajuda do marido, procura várias estratégias para garantir algum salário. No momento, planeja abrir barracas de pastéis e refrigerantes no bairro, objetivando ocupar seus filhos.

Sobre a fome, ela diz:

.....
É a falta de emprego, falta de salário digno que dê pra sustentar a família. A fome aqui é de tudo, é de escola, de amor, de trabalho, de dinheiro e de comida. Mas a fome de comida é a pior que existe. É a peste [...] É a coisa mais horrível do mundo. É uma coisa que aparece pra acabar com a vida. E a pessoa se acaba devagar, aos pouquinhos. Comendo devagar o corpo. Começa com os ossos até chegar nas carnes. Até morrer.

[...]

Você já ouviu falar na peste? Pois é. É a fome, mesmo. Não tem como fugir quando ela chega. Não tem pra onde correr que ela pega (pausa, chora).

[...]

Falar de fome é triste. Dá vergonha na gente. [...] Ninguém quer falar disso. Nem dentro de casa a gente consegue falar nisso. É vergonhoso. Tem gente que come todo dia de restaurante, e a gente aqui...

Ao falar sobre o tema, ela imprime indignação, revolta. As mãos cobrem a face, e, com um olhar distante, entram em silêncio. Ao relatar o passado recente de sua história de lutas pela melhoria do bairro e cidadania, noto a dificuldade em desvelar a sua condição de faminta.

Um dia, ao comentar sobre a situação de desnutrição grave de uma menina de dez anos, que mora na Vila, Renilda não quis comentar.

Silenciou e se deteve a olhar a porta de sua casa. Depois, benzeu-se, levantou-se e fechou a porta. O que evitava? Encolhendo-se no sofá, chorou e disse: “esse assunto é muito ruim pra mim, você entende não é? Quando eu tiver coragem, a gente volta nisso”. Raimunda, na cozinha, passou a cantar uma canção da sua igreja, enquanto mexia a massa de acarajé.

Elza era uma mocinha quando se juntou com um homem:

.....
Eu não sabia das coisas, aí me iludi. Fiz besteira, saí de casa com um homem ruim, que já morreu e nem quero falar pra o espírito dele não rondar minha casa. Tomei foi muita porrada dele. Vixe. Fui desgostando, desgostando, arrumei outro que foi pior ainda, me batia também. Montou esse barraco aqui pra mim. Tomei tanta porrada que quase perdi meu olho. Não gosto nem de lembrar. Adoro a vida.

[...]

Não vê assim, eu já doente, bem que eu queria ter um amor. Eu chego a sonhar com um homem bom. Ainda estou inteira, ainda posso namorar muito. Mas onde é que vou achar ? Vim pro mundo só pra sofrer com homem. Isso aqui foi de homem ... (mostra sua grande cicatriz de queimadura, da tentativa de suicídio há mais ou menos 30 anos). Até meu filho, o único que vingou de não sei quantas barrigas, é virado. Um dia está bom, passa um tempo e me maltrata. Me diz coisa ruim. Presta não, nenhum homem. É só ilusão.

Nascida em Salvador, tem 60 anos de idade ou mais, e chegou ao bairro com seu marido, no início dos anos 70, quando sua casa em Pernambués foi destruída pela chuva. Trabalhou muitos anos como lavadeira dos “brancos, os barões”. [...] “Pra comer, é do lixo já de muito tempo. Não tenho

vergonha de dizer a verdade. Eu não cato mais, é os meninos daqui, que eu peço pra eles catarem pra mim, que estou velha”.

O marido, acusado de vários assaltos com homicídio, morreu na cadeia. Obesa, e com edema nas pernas, Elza já não caminha para a mendicância como antes. Não sai do bairro e sobrevive da ajuda dos vizinhos. Em troca de alimentos, remenda roupas e faz rezas para doenças do corpo e do espírito de “qualquer pessoa, daqui e de fora. Eu tenho obrigação de rezar”. Considera-se faminta, porque não tem aposentadoria e seu único filho está preso por assalto à mão armada. No momento, ela vive sozinha no único barraco do “beco da morte” da Vila. Lugar onde o narcotráfico executa seus devedores. A nora e os dois netos moram próximos, mas ela diz que se aborrece e fica doente ao ver o tratamento que essas crianças recebem da mãe. O menino de 6 anos pede esmolas nas sinaleiras das ruas circunvizinhas ao bairro, a mando da mãe, uma mulher de mais ou menos 25 anos, desempregada e viciada em *crack*.

Sem qualquer renda, Elza vive na casa de dois cômodos sem sanitário, banha-se no “quartinho” público que fica no beco ao lado e faz suas necessidades no papel de jornais ou numa lata, e depois pede aos vizinhos (crianças) pra jogar no lixo, em baixo da ladeira, na mesma caixa coletora de onde vem seu alimento.

Para ela, a fome é um ente das trevas, um beco-sem-saída, que traz a morte. Usa outras expressões, que tratam de situar a condição faminta como algo externo ao corpo, uma “coisa” ou entidade, que “chega para pegar o corpo”, pré-condicionada por uma sensação de “dor no peito”. Esses elementos estão no plano de conexão com seus problemas concretos de ser faminta, sem assistência social e a viver em uma das áreas de desova do bairro.

Bernadete nasceu em Lage, Santo Antônio de Jesus, interior da Bahia.

.....

Pai tinha roça lá, antes de morrer de bruxaria. Ele matou sem querer uma galinha da nega da costa, uma feiteira que tinha lá. Aí ficou doente, foi minguando, até morrer. Foi o olho dela. Depois, vim mais mãe pra Salvador, eu tinha 11 anos [...]. O outro marido de mãe era garimpeiro, fazia rodagem na mão, morreu arreventado de pegar peso. Ficou vomitando sangue. Mãe diz que foi bruxaria, foi inveja que tinham da força dele.

[...].

Eu vim trabalhar de babá com 13 anos. Não ganhava nada na casa da moça. A moça nem me botou na escola, era só pra brincar com o filho dela. Aí fiquei prenha e tive filho com 15 anos. [...] Mãe vivia de lavar roupa de ganho. Fui trabalhar de empregada doméstica, aí eu deixava minha filha com mãe. A comida era pouca, era uma farinha, um chuchu, um arroz, um feijão.

[...]

Depois que me casei, vim morar aqui. Peguei outra barriga. O pai da minha mais nova morreu de tanto trabalhar. Tinha dobrado, estava com sono e não viu o carro que atropelou ele, perto da fábrica, na hora que ele ia pegar o ônibus pra vim pra casa. Fiquei com a menina na barriga, ele não chegou nem a ver a filha. Ele era bom e tinha gente com inveja da casa da gente.

[...]

Já me conformei, vi minhas filhas crescerem, lavei muita roupa mais mãe. Agora, não acho tanta roupa pra lavar, as mulheres de dinheiro estão tudo com máquina, e faxina está difícil de achar. Só tenho duas, de R\$15,00 cada, que é pouco, mas dá pra sustentar mãe e minha neta, a filha de minha filha amalucada. Mãe está velha. Eu tenho que passar por isso, eu sei. O que me ajuda é o candomblé. Fui pro can-

domblé porque eu vi um aviso: eu sonhei com um caboclo menino, falando comigo pra eu ir pra um terreiro [...]. Ajudo todo mundo que chega na minha porta pedindo uma ajuda, levo pro terreiro, dou aviso e não cobro nada.

[...]

Eu não tenho vergonha de falar que cato do lixo duas, três vezes na semana, é de minha obrigação (Bernadete).

Com 63 anos, ela vive com o marido, a mãe, uma filha, a neta e o genro, numa casa de um cômodo. A parte interna da habitação é reparada em dois ambientes com uma larga cortina que atravessa todo o vão, a adaptação para dois quartos abriga toda a família de seis pessoas. Bernadete faz parte do candomblé em um terreiro de São Caetano, mas tem “uma missão de viver no bairro, para ajudar o povo daqui”. É respeitada como uma vidente “que vê as coisas só nos olhos”. “Não cobro consulta, porque é de mim não cobrar, que eu tenho de ajudar qualquer pessoa”. Seus vizinhos a vêem como “uma mulher de coragem, que nem polícia nem bandido chegam perto [...] é protegida pelo caboclo”.

Sua influência sobre algumas pessoas do bairro não se deve ao dom da vidência, mas sim à manifestação de autoridade, por ser reconhecida como “uma pessoa do bem”, e capaz de gerar exemplaridade, produzindo a autenticidade que os outros desejam para si mesmos.

Sobre as práticas para o enfrentamento da fome, tem algumas concepções:

.....

A pessoa tem de se acostumar na vida e ter coragem. Tem que ter força aqui dentro (aponta para o peito), e se não tem nada pra comer, pode ir mariscar, pedir trabalho nas portas, andar, andar, até achar uma coisa pra fazer, pra ganhar um dinheirinho pra comprar a fari-

nha, pra fazer um pirão, que é a comida mais barata que a gente faz. E dá força pra pessoa.

[...]

Pode até catar do lixo, como tem muitas aqui que faz, que os maridos obriga; ôxe, os maridos maltratam, diz pra elas irem buscar do lixo pra comerem.

[...]

Lutei muito com *ela* (a fome). Essa coisa. *Ela* tem força, derruba a pessoa. Eu lutando pra não esmorecer, pra não ficar fraca, não botar tristeza na cabeça. Pra levantar a cabeça. Se *ela* vê que você está pra baixo, aí é que *ela* atenta, vem pra cima e toma conta (Bernadete).

Refere-se à fome como uma entidade, um espírito, que pode tomar o corpo de quem não tem vontade ou força espiritual. Em sua memória da infância, há uma feiticeira que exerce poderes para amaldiçoar toda a família e, por essa razão, sua mãe e sua filha mais velha não podem ter marido porque “a natureza delas não combina com casamento”. Incorpora à imaginação o domínio de um destino traçado. Uma elucidação atribuída com a ajuda do candomblé, que lhe tornou acessível o entendimento da maldição da feitiçaria. E ao praticar as “obrigações”, consegue arrefecer o poder do mal sobre a família.

Na sua percepção, a fome pode ser evocada pela palavra: “nunca chamei o nome dela, aprendi a escutar ela, e nunca disse nada pra ela”.

Nessa mesma unidade doméstica, observo a relação de Bernadete com a sua neta de oito meses, visivelmente desnutrida.

.....

Ela tem que se acostumar com pouca coisa (alimentos), porque aqui é assim. As outras mulheres fazem como eu. Não dá pra aumentar o leite da menina, mesmo que a gente tenha um dinheirinho. Ela vai

ter que se acostumar a viver aqui e ser que nem nós. Ela tem de comer pouco, que nem todo mundo. Não dá pra aumentar o leite. Estou dando farinha de mandioca cessadinha e um pouquinho de açúcar. Ela gosta é assim. O leite é pouco.

[...]

O leite pra gastar duas latas por semana, quase ninguém aqui pode dar. A gente dá cremogema até uns quatro meses, depois é só farinha. Essa diarreia dela acaba com remédio, chazinho. Ela está magrinha assim, porque está nascendo mais dente, depois vai melhorar, todo mundo aqui diz isso, gente que já criou mais de dez. É assim mesmo, depois a menina se acostuma com tudo (Bernadete).

O diário do faminto não conhece um projeto diferente do seu habitual. A expressão “acostumar” faz uma ligação do aqui-agora, condicionado pela experiência. A adaptação da criança às condições sociais representa o cuidado de moldar a natureza do ser ao cotidiano conhecido. A alimentação escassa pelas condições econômicas é interpretada numa perspectiva do destino de privação permanente, que reflete uma atitude comum às pessoas. O motivo de sua ação (a de proporcionar a adaptação da criança a essa existência carente) é válido para a mulher na sua comunidade, legitimando a sua condição de protetora, que dá sustentação à significação de sua condição social, movida para que a criança seja uma igual no mesmo meio.

A intencionalidade serve-se da linguagem para tecer uma relação viva consigo mesmo ou com seus semelhantes e validar a compreensão, cujo sentido de necessidade transpõe e se sustenta numa pré-narrativa sobre o mundo, com traços simbólicos a mediatizar a ação. A interpretação de um corpo adaptado ao mundo é o procedimento lógico, em que o sujeito se torna ator e sente-se socialmente participativo. A natureza

dessa ação, no âmbito do mundo exterior, é parte de processos próprios de uma interação entre as muitas experiências de sofrer a falta de acesso a uma comida mais adequada.

Sobre isso, lembro Alfred Schutz quando diz:

.....
... además que la significación de este mundo natural (que ya fue experimentado, dominado y nombrado por nuestros predecesores) es fundamentalmente la misma para mis semejantes que para mí, puesto que es colocado en un marco común de interpretación. En este sentido, el ámbito de las cosas que pertenecen al mundo exterior es también social para mí (in SCHUTZ e LUCKMANN, 1973. p.26).

O acostumar-se constitui o presente a implicar na vida da criança no bairro. Um ato naturalizado por uma imagem da privação onde a desnutrição é uma condição esperada, ainda que fora dos limites da reflexão, e normalizada nesse meio social.

O mundo cotidiano tem como estrutura fundamental da realidade elementos que podem ser compartilhados, vivenciados com outros, numa condição em que a fome da criança ocupa o lugar da necessidade da adaptação às condições do mundo do bairro. O corpo se inscreve na semelhança dos outros, que circulam e se adaptam no mesmo lugar. Uma ordenação social construída na tela do imaginário em que prevalecem regras para o corpo da criança, como produtos de um hábito de vida. O corpo é posicionado no meio social para ser igual aos demais, influenciado por um estado d'alma de quem vive nesse ambiente sócio-econômico e cultural.

Tiêta é oriunda de uma região do semi-árido baiano, que em seca já não produzia roça. Veio ao bairro visitar sua irmã, em 1978, e ficou. Depois, trouxe os quatro filhos e abandonou o marido à sua própria

sorte, porque não “agüentava mais a cachaça dele” e o seu “espírito já não combinava mais com o dele”. Mais tarde, adotou a filha recém-nascida de uma outra irmã, que morreu de parto. Construiu, aos poucos, a casa onde mora, trabalhando como faxineira e lavadeira. O prédio de dois andares na Rua de Cima, com janela e porta permanentemente abertas, dá acesso à sala onde funciona o barzinho mais freqüentado da área. A casa de seis cômodos (quatro na parte térrea) é estreita para acomodar a quantidade de pessoas que, vez por outra, ali se hospedam, a dormirem em esteiras pelo chão “que nem na roça”, como ironiza, a chefe da família. Seus filhos, todos adultos, não estudaram, ainda não se casaram, não entraram no tráfico de drogas e, no momento, estão desempregados. Os homens procuram emprego como pedreiros e as moças aguardam trabalho como cozinheiras.

Do lado de fora, em caixotes, os jogos de dominó e cartas, com apostas pequenas de no máximo R\$ 5,00, representam a maior distração da rua. O que mais chama a atenção, ao entrar na casa, é o retrato de PC Farias, de uma capa da Revista Veja, colado na parede. E, no andar superior, o quadro de Jesus, ou Coração de Jesus. Profano e sagrado separam a casa em ambientes do público e do privado. É no térreo da casa o lugar da prosa de todas as tardes, a reunir pessoas oriundas das regiões da seca e seus muitos amigos. São mais de 100, as famílias que vieram do semi-árido baiano, desde a década de 70. No pequeno comércio de Tiêta, as contas são freqüentemente penduradas, pelas vendas fiadas dos amigos devedores, que dizem: “Ela tem uma alma santa” é a “mulher que mais a gente adora aqui”, porque “está sempre ajudando todo mundo”. Com 53 anos, analfabeta, ela hospeda em sua casa qualquer pessoa do interior que precisa “fazer exame de saúde”. “Só cobro assim, uma farinha, uma rapadura, coisas de comer”. “E se o amigo não tiver nadinha, for assim bem fraqui-

nho, aí eu deixo pra lá, não cobro nada, porque eu sei que Deus vai me ajudar por causa disso. Aí as coisas vêm em dobro”.

Como agregados, no momento, estão, Elias, Manuel, Nô (criança de 9 anos com desnutrição) e Cida, natural de Santa Luz, com seus cinco filhos pequenos. Esta, que também foi expulsa da seca de sua região há alguns meses e encontrou apoio na casa de sua irmã. Mas, “não deu certo de ficar lá, por causa de briga por qualquer coisinha, aí vim ficar mais Tiêta, que eu já conhecia quando vim aqui de outra vez, tratar da saúde [...] um mioma”. Sem trabalho, ela anda pelas ruas da cidade com seus filhos a pedir esmolas em semáforos, e nas portas das casas comerciais da Baixa dos Sapateiros. Dos filhos de Cida, o menor, com um ano e meio e outro de três, estão visivelmente desnutridos. Ambos ainda amamentam e tomam como complemento o mingau de farinha de milho ou mandioca.

A comida da casa, em geral, é um pirão de cabeça de peixe ou ossos de galinha, maxixe cortadinho e quiabo. O sebo e o osso de boi são frequentes na confecção do pirão. Sentados no chão ou nos batentes da porta de casa, comem “para encher a barriga”. Cada um que sente as sensações de fome come no momento que quiser, da panela sobre o fogão, “até acabar”.

.....

Na casa que tem muita gente é assim, não tem prato pra todo mundo, e cada um se serve. É tudo bem à vontade. Uns têm que deixar pros outros também, não pode chegar e comer tudo de vez, senão não sobra pro outro [...]. De noite é bolacha e nescafé. Quando tem pão e margarina, é a maior festa (Tiêta).

O pequeno comércio de cachaça e batidas diversas na porta de casa é o lugar onde Tiêta “...se vira, pra comer, pagar luz e água. Essa bodeguinha

aqui não dá quase nada, só vendo pinga e guaraná. É mais pra a gente se vê, ficar prosando”. Obesa e hipertensa, diz que nunca sentiu vergonha de ser a “maior catadora e a maior pidona do mercado das Sete Portas”. Também, não é raro sair com um grupo de mulheres para mariscar nas praias de Periperi, a mais ou menos oito quilômetros do bairro, ou catar alimentos do lixo. Fora o que consegue no lixo para comer e vender (garrafas), gasta, em média, R\$ 40,00 a 60,00 por mês de alimentos, onde privilegia produtos como óleo, carcaça de frango, feijão e farinha, sendo sua maior dificuldade a compra de gás, luz, transporte e água. Para tanto, consegue algum dinheiro na lavagem dos açougues dos mercados próximos e também compra, em consórcio, o gás num pequeno estabelecimento de um amigo do bairro. Um bujão de gás é utilizado por duas ou três famílias, e cabe-lhe R\$ 4,00 ao mês. “Quando esse bujão sai daqui pra outra casa, eu faço negócio com outra amiga, é assim”.

Espírita e adepta do candomblé – um terreiro de caboclo em Camaçari – ela concebe a condição de faminta, como um ‘carma’ ou um desígnio de Deus. Uma experiência divina para purificar-se de coisas de vidas passadas. Não fala o termo fome, e o substitui por metáforas, entidades do mal, que tem muitas formas, humanas ou de feras com garras, rabo, chifres, asas.

Para ela, a fraqueza do espírito e a inveja são os aspectos humanos que mais provocam a ameaça da fome no corpo, cuja sensação se inicia na cabeça ou nos peitos, por causa dos “pensamentos que dão tontura quando a barriga está vazia”.

Sílvia é ex-moradora do bairro do Maciel, parte antiga da cidade de Salvador. Passou a infância com seus dez irmãos “pelas ruas do Pelô”, e foi lá que aprendeu “de tudo desde nova”. Chegou ao bairro com seu marido, quando tinha 16 anos, em 1978.

.....

Eu sou é daqui, Bahia, Salvador. Mãe é que veio do interior. Vim pra cá (para o bairro) foi nova, quando aqui era só mato [...]. Vim porque mãe precisou se esconder do homem dela. Aí arranjei uma casa pra mim também. [...] Aqui, nesse meio, tem muito marginal, ladrão e assassino mesmo. Mas tem gente trabalhadora, que quer viver em paz com os filhos. Mas pra polícia somos tudo bandido, só porque a gente mora aqui.

Ela conheceu o companheiro que iria viver uma relação de 19 anos, quando estava grávida de um padre, o qual lhe ensinara a ler e a escrever. Diz que seu maior lazer é ler um pequeno romance ou livros espíritas que toma de empréstimos de suas amigas. Seu marido, muito mais velho que ela, era cego e mendigava no centro da cidade. Também era alcoólatra, usuário de maconha e morreu com problemas cardíacos, deixando-a com sete filhos menores e muitas dívidas junto ao tráfico de drogas. Dos quatro irmãos de Sílvia, que residem no bairro, dois são pequenos traficantes de *crack* e maconha, um outro é viciado em “droga de seringa”, e o mais novo estuda e trabalha.

.....

Do meu salário, gasto de água é R\$ 15,00, é R\$ 16,00. A luz é de gato¹⁴, e o resto é pra comer. Aqui tem oito bocas, comigo. Fora os que aparecem que eu ainda tiro um pouquinho pra dar. Mas eu procuro não deixar faltar comida em casa. Se eu pudesse, eu cozinhava todo dia, um feijão, um arroz, o básico. Mas eu faço mesmo é pirão. [...] Gosto de verdura, e não é cara. Chuchu, cenoura, abóbora, eu consigo nos restos na feira. [...] Eles me conhecem e me dão, aí em baixo. De noite, eu como o famoso nescafé com pão. Eu gasto 30 pães por dia. Pra de manhã e de noite. Também faço, as vezes, um

cuscuz, uma canjica. [...] Ninguém aqui tem merenda. A pequeninha, que não come quase nada, vive só de mingau. Não compro leite direito, porque não tenho dinheiro. Ela gosta de tudo, mas cadê poder dar. Mas está aí, criando.

Viúva, ela sustenta seus filhos com um salário mínimo de seu emprego como faxineira numa escola pública. Sua casa, de cinco cômodos, construída pelo marido, é a mais confortável da Vila. Hoje, a principal dificuldade de Sílvia é a provisão de alimentos e a luta para recuperar seu filho de 16 anos do vício em *crack*. Preso por várias vezes e atendido sem sucesso no Centro de Tratamento Anti-Drogas, ela o considera perdido e espera sua morte a qualquer momento. Ele pratica furtos dentro de casa, comida, roupas dos irmãos, eletrodomésticos etc. pra trocar por *crack*.

.....
Quem dá o preço é o traficante, o dono da droga. Tem gente aqui que já vendeu uma televisão por 50 reais; é o vício. A gente vive aqui querendo que ele morra logo de *overdose*. Ninguém agüenta mais ele em casa. Ele fica agressivo, querendo matar a gente. É horrível.

Para ela, a condição faminta é o resultado das políticas do governo que propiciam a perversa realidade da população. Uma consequência direta da desigualdade social, na qual “o povo vive de restos”.

.....
Ele (FHC) disse que a gente está comendo frango, que antes não comia. Claro, tem mais é que comer galinha. Eles pegam um pinto, a bicha cresce de uma hora pra outra, e pra não jogar fora, vende barato pra o pobre comer, a bicha cheia de remédio. A lógica é essa.
[...]

Com esse governo, quantos daqui estão desempregados? Quem tinha emprego, ficou desempregado. Sabe o que vão fazer? Vender maconha pra sobreviver. Falo o que assisto na pele, no dia-a-dia. Apesar do pouco estudo, eu posso ver as coisas e sentir. Falo aqui de dentro de minha área. Saio, converso com as pessoas, então eu sei dos problemas. Vejo como as pessoas vivem. Um bocado de criança, meu Deus do céu, sem escola. Ficam tudo por aí na maconha, no *crack*. O governo dá escola, mas a escola não presta, não tem professor. O professor não vai pra sala de aula. [...] Meu filho vai hoje, não tem aula, vai amanhã, não tem aula, vai depois, tem.

[...]

Não falo só daqui do bairro, estou falando do país. Existe uma lei que os alunos tem que passar de ano de qualquer jeito. Aluno do primário está muito atrasado, tem que passar. Ele (FHC) não quer saber se o aluno sabe. Quer ver o país em alta, tudo bem. Pra mostrar que está tudo bem. Não precisa estudar. É isso que o homem quer.

Silvia vê o bairro como a exemplificação da pobreza na sociedade brasileira, a fome como coletiva e o meio, diante do descaso das políticas públicas, como o lugar propício para o narcotráfico governar. Na sua reflexão, relaciona fome e contexto social de modo crítico:

.....

Esse governo só melhorou pra quem tinha mais. Aqui a gente está pior, falta trabalho, tem muito desemprego. E quem está com fome muito tempo, desde que nasceu, tem que entrar na droga mesmo.

Reconhece que seu futuro está entre continuar desse modo, ou envolver-se no narcotráfico e oferecer outras condições materiais aos seus filhos. Em sua fala, posiciona-se contra o tráfico, e há uma nítida neces-

sidade de convencer-se a continuar seu caminho como faminta. Mas a organização instalada em sua rua, insiste em convidá-la para participar como vendedora do *crack*, na escola em que trabalha. Uma conduta que serviria para perdoar as dívidas contraídas pelo marido e o filho.

Regina é natural de Salvador, do bairro Alto das Pombas, tem 60 anos, assina o nome e lê com dificuldade. Aprendeu a ler recentemente, na 'Igreja Milagreira', para "conhecer a palavra do Senhor". Chegou ao bairro há mais de vinte anos, e, logo em seguida, seu marido a abandonou, deixando-a com os filhos ainda pequenos. A mulher, ainda jovem, não quis casar-se outra vez, porque temia sofrer maus-tratos. A casa foi reconstruída no mesmo terreno – depois que a antiga de tábuas desabou com as chuvas em 1989. Possui dois cômodos, para abrigar sua família de nove pessoas: seus cinco filhos, dois netos, o genro. Envolvidos no tráfico de drogas, teve um dos filhos morto, fuzilado em sua porta, há dois anos, numa prestação de contas com a organização a que ele pertencia.

Passou necessidade com seus filhos, trabalhando como lavadeira, conforme revela ao lado de uma das filhas a testemunhar. Desde o ano passado, com fortes dores nos músculos dos braços, não pôde continuar seu trabalho e entrou para a confecção de cigarros de maconha, o que lhe proporciona uma melhor condição financeira. Faz os cigarros de R\$ 5,00 (os mais finos), cuja ação, segundo ela, é motivada pela fome. A partir daí, passou a ganhar R\$ 300,00 a R\$ 400,00 por mês. Entrou no negócio porque estava cansada de viver "sentindo falta de tudo".

A filha de 25 anos, mulher de traficante, confirma e diz que a mãe finalmente entendeu "como é que o pobre pode mudar de vida". Regina chora ao lembrar que já não comia carne há vários anos e que seus filhos cresceram sem conhecer o leite de gado.

.....

Eles sabiam que tinha muita coisa pra comer pela rua, mas eles não comiam, nunca provaram nem leite, nem queijo, essas coisas de barão. Agora, está todo mundo comendo mais, umas coisas que nunca comeram. [...] Relutei pra não fazer esse negócio (cigarros de maconha), aí pensei que não dava pra ver a oportunidade chegar na casa e se desfazer dela. Eu fui escolhida, entendeu ? [...] Cada um é que sabe de sua necessidade. Eu não era toda certinha ? Então, meu filho não morreu? (Regina)

Na sua compreensão, a violência não a faz deixar o bairro, mesmo tendo perdido seu filho de modo brutal, assassinado pelo tráfico. Antes, ela entra no narcotráfico e segue o caminho de todos da casa. O caráter da reação anterior, quando se opunha às drogas, é substituído pelo conformismo da realidade circundante. Então, não resiste, não se distancia, entende que não pode se excluir, comunga sua conduta às palavras do Senhor e, junto aos seus familiares, envolve-se nesse tipo de atividade. No cenário da pequena sala, cabem os papéis para a maconha, a bíblia, a televisão, um bordado e seus medos. Da janela que dá acesso à entrada da travessa onde vive, espreita quem chega, em especial a polícia e os estranhos. Decide que não vai mais sofrer privações e planeja, com os rendimentos favorecidos pela confecção dos cigarros de maconha, melhorar a casa, ter um bom banheiro, água quente, ajudar sua irmã que vive em outro bairro etc.

.....

A gente vive nessa casinha, mas a gente não passa mais necessidade. Olhe os meninos aí, não tem nem um com problema, tudo toma leite de lata, tem banana, um mingau. Está tudo bem. Aquele sufoco já passou.

Quanto à renda mensal da unidade familiar:

.....
Depende. O trabalho nessas toalhas bordadas, uns R\$ 40,00. Mas demora pra ganhar isso, mais de um mês, dois. Isso é bico. Agora nessas coisas daqui (maconha), isso me dá uma renda maior. Aí dá pra fazer uma feira boa. Mas não dá pra gastar muito.

Os gastos, por mês, em alimentação, equivalem a aproximadamente R\$ 350,00 para toda a família, com a participação de todos. Na sua linguagem alimentar, entram outros termos distintos de outras unidades, como: pizza, sanduíche, iogurte, sorvete e pudim. Não teme mais a violência, porque o Senhor a protege e, ao pressentir a chegada da polícia, guarda o material de seu negócio e passa a bordar ou a ler o livro sagrado. Para a vizinha que consegue “escutar tudo que acontece na casa dela”,

.....
... a Igreja que ela vai é lugar de viciado. Todo mundo aqui sabe que ele (o pastor) chama um viciado pra ir pra a Igreja, pra ele levar um baseado pra fumar. Isso é o que eu ouvi falar. Palavra de Deus, nada. O jornal deles aqui é pra enrolar maconha. Enrolam os pacotes maiores de R\$ 20,00. É assim que a banda toca.

Uma outra mulher, que também freqüentava a mesma Igreja, abandonou a religião porque “lá o pastor só prega drogas”.

Fome e droga

Outra janela analítica é a relação concorrencial entre droga e fome, observada em quatro das unidades familiares analisadas. Droga e fome são fenômenos que se relacionam num processo de dominação do bairro sobre o corpo, cujos resultados são assustadoramente destrutivos.

A dinâmica entre esses fenômenos, no mesmo espaço social, permite uma associação de idéias diversas e aparentemente opostas, na mais ligeira e estreita fronteira entre o comércio e o vício, entre violência e morte. O envolvimento com o comércio da droga acaba com os sintomas de uma fome imediata, mas, no entanto, dentro de um processo mesmo da intersubjetividade, nas relações da realidade circundante, alimenta a dependência não somente no plano econômico, mas também na dimensão bio-psíquica, que pode matar ou morrer de fome.

A polêmica em tela trata do modo irregular dessas associações de idéias sobre o tema, a caracterizar um comportamento estético fundado na busca irracional de uma nova expressão do corpo. Esta, que perpassa valores morais e culturais, deslocando-se para o que concebo como um sentimento de vazio da alma materna. O corpo, na dependência de drogas, enrijece o instinto protetor. E, um outro corpo materno em desespero, acolhe a venda de drogas para alimentar seus filhos, ainda que contribua para a produção da fome de outros.

Relato apenas dois dos muitos exemplos, para mostrar a dinâmica de uma nova forma de fome, observada no mesmo espaço social.

Numa certa unidade familiar, havia um agregado desde alguns meses: uma criança com desnutrição grave, cuja mãe, moradora do bairro, tendo sido abandonada pelo marido, entra em “desgraça”, segundo a interpretação de sua amiga. Viciada em *crack*, Socorro, de 34 anos, rejeita os quatro filhos e a casa, entregando-se às ruas. Suja e com fome, é, vez ou outra, vista em meio ao lixo da entrada do bairro. Durante os seis meses em que seu filho de nove anos esteve na casa da comadre, para recuperar-se da desnutrição, ela não apareceu para visitá-lo. Depois, sabendo da cesta básica que o filho recebia de doações do Centro de Saúde e de alguns membros de uma organização espírita, ela retirou seu menino da casa que o recuperava e o levou às ruas a mendigar. Mais ainda: troca os alimentos por *crack*.

.....
Pega a cesta básica pra trocar por *crack*. Desnaturada (Tiêta).

Eu sei quem é aquela porca, viciada (Lourdes).

É o filho menor e a doença dele tem o tempo da doença da mãe (Lêda).

.....
Ela quer o menino pra pedir esmola pra ela, na rua, pra ela comprar *crack*, aquela vagabunda. Eu quero ver quem é que tira o menino dela, da mãe. Só o juizado pode fazer isso, mas que juiz ? Aqui é terra de ninguém, ninguém liga pros pobres. Vai ficar lá jogado sem cuidado, coitado (Tiêta).

As várias falas confirmaram com indignação o destino da criança, ao justificarem que ele nasceu para padecer de fome e que ninguém poderia ajudá-lo, porque estava “tomado por um espírito do mal”. Criança e mãe sofrem em seus destinos e “nem a prece ajuda mais”. O desígnio traçado pela mãe para o filho é como um castigo ao corpo e ao espírito da criança. Sobre esse caso trato com maior aprofundamento no capítulo seguinte, reservando, para o momento, a discussão entre a relação fome *versus* droga.

Na procura da cesta básica no Centro de Saúde, “ela vai lá, chora na frente da assistente social, convence todo mundo. E o povo, quando vê o menino, acredita nela”. A busca da droga coaduna-se com essa falsa verdade. A recuperação da desnutrição grave de seu filho não existe mais no plano real. É utilizada como intencionalidade no palco do serviço de saúde, para conseguir alimentos: leite e óleo. O corpo da criança, com uma tênue pele a revestir os ossos, é como uma coisa, um meio de obter alimentos ou dinheiro das calçadas do centro comercial. Sem espreitar qualquer esperança, sem capacidade de inspirar afetividade ou ao menos

contemplar o mundo e desvelar qualquer verdade, a mãe age como a ladra de seu filho. Já não há mais sensibilidade a ser moldada nessa relação mãe-filho. A criança faminta retorna a uma fome, de modo ainda mais cruel. Um trágico retorno sem fronteiras e sem limites humanos, que elimina valores, princípios éticos, morais e biológicos. Alimento e dinheiro são revestidos em *crack*, numa saga que não se esgota nem com a morte dessa criança, pois há outra e outra a fenecer.

A recorrência ao motivo da droga surge como metáfora. A droga, que provoca a fome e a fome que serve à droga. Não se trata de mais um corpo drogado que não come, porque não sente vontade ou necessidade. Mas, de um frágil e esqualido corpo a ser usado pela mãe drogada, até a morte. A condição humana desagrega-se. Nasce um novo valor cultural motivado pelo desprezo do valor biológico, vez que a criadora deixa de proteger sua cria para se manter na droga. É repugnante. A criança morta “não é um morto: é a morte” (Borges)¹⁵ prenunciada a tantas outras crianças do bairro.

O outro caso se refere a uma mulher que é convidada pelo narcotráfico para vender *crack*. Trata-se de Silvia, a viúva que mencionei antes. Sua situação de assalariada não lhe permite prover alimentos suficientes para seus filhos e, um deles viciado em *crack*, está ameaçado de morte, porque faz permanentes dívidas junto ao tráfico. Sem qualquer apoio econômico, ela avalia sua vida, teme pelas ameaças ao filho e, finalmente, decide “sair do sufoco”, entrando na organização de modo dissimulado, pois os seus filhos não podem saber.

.....

Qualquer um pode entrar, é só querer. Não pode é sair.[...] Uma mulher me deu, outro dia, meio quilo de *crack* pra eu vender, e disse que com meio quilo eu ia ganhar seis mil reais. Era pra eu fazer umas pedrinhas pra vender. Uma porcariazinha desse tamanho que custa R\$ 10,00.

Dois meses depois, confidenciou-me sua entrada no tráfico de drogas:

.....
Não agüento mais ver meus filhos andar tanto pra ir pra escola, chegarem em casa roxo de fome. Se não der certo, eu fujo pro interior com eles. [...] Sou principiante, estou só começando, com pouco. Não quero ficar rica com isso. É só pra aliviar a vida de meus filhos. [...]

Os meninos, pra comprar *crack* e maconha, roubam, pegam as coisas de casa. Eles (os traficantes) aceitam tudo, qualquer coisa. Aqui, os meninos estão até matando. Tem menino de 12 que mata por causa da droga. Dá medo.

Mesmo conhecendo o risco, envolve-se. Com o primeiro pagamento de venda de drogas, ela recebeu R\$ 800,00, comprou um *freezer* no crediário e encheu-o de alimentos: iogurte, queijos, carne de boi e frango. Depois, passou a ganhar R\$ 1.200,00 e ainda mais. Dos seus sete filhos, quatro apresentam traços de desnutrição e, a partir dessa estratégia, ela passa a recuperá-los com *Sustagem*, vitaminas, leite, frutas e sucos. O mais velho pergunta se ela tirou na loteria, e ela o faz crer que seu novo namorado veio pra mudar a vida de todos da casa.

Também é conflitiva a condição de lutar para recuperar seu filho da dependência de *crack* e vender escondido a droga aos outros adolescentes. Levou meses pensando se aderiria ou não à proposta e escolheu o que considerou melhor para sua família. Fala do perigo iminente de seu envolvimento, teme a violência policial: “Meu filho é vítima, mas se eles (polícia) querem que eu dê dinheiro pra soltar meu filho, eles estão enganados, porque não vou sair por aí assaltando pra dá dinheiro a eles, filho da puta” (Sílvia).

Para ela, todo um itinerário à procura do filho viciado – que desaparece vez ou outra – entre Casa de Correção, Juizado de Menor e delega-

cias, não é pior que a situação escolhida. Pode vender a droga e assegurar melhores momentos para seu filho. Sente-se “cansada de labutar sozinha, com esses meninos nesse lugar”. E, de uma vez, já não se preocupa com a provisão de comida e provoca em mim uma reflexão: “Não tenho escolha, entende? Fique no meu lugar, fique”.

.....

Quero meu filho aqui perto de mim. Aí eu dou carinho a ele. Ele está se acabando desse jeito. Já emagreceu muito depois dessa droga. Só come porque eu boto pra ele, porque quando está na droga não tem vontade de nada, de sexo, de comida, de nada. Ele fica *azuado*, briga na rua, querendo mais. Ele parece um tuberculoso, a cor dele está cinza. Quando ele não fuma o *crack*, ele passa o dia inteiro querendo comer. Eu quero ter pra botar comida pra ele (Sílvia).

Sobre esses dois casos onde concorrem a fome e a droga, pude concluir que, no primeiro, o fenômeno da fome retorna radicalmente, destruindo os valores morais, quando a mãe abre mão do alimento da criança pela droga. No segundo, a droga que vicia e mata é a mesma que elimina a fome, que também mata.

Essas escolhas não são atos isolados de uma realidade. Representam um flagrante de uma nova redistribuição dos conceitos de fome e o registro de um momento condicionado por questões macropolíticas econômicas e sociais, a motivar a reversão de um modo de pensar o mundo das representações desse fenômeno. No palco principal, surge uma metamorfose que antes não conhecia. Nos palcos secundários, algumas imagens continuam esperadas.

Das escolhas das mães, uma elege a droga para suprimir a fome de sua família, ainda que para isso alimente também o vício de um dos filhos. E uma outra destrói seu próprio filho. Em ambos os casos, a base ética da pessoa se esvai.

Surge uma nova fome, mais difícil ainda de ser combatida. Uma fome que não será reduzida ou solucionada com programas de saúde, saneamento e alimentação. Há, em tela, um novo e monstruoso sofrimento para os profissionais de saúde pública pensarem. Droga e fome se correspondem e competem entre si. Quanto mais drogado, mais faminto é o corpo, quanto mais faminto, mais o corpo procura, na droga, um meio de sobreviver. Uma ciranda inevitável, num ciclo permanente e mortal, uma complexa relação, a produzir vários significantes nos fragmentos de narrativas de mães e de jovens com dependência de *crack*:

.....
Na hora que a gente está sentindo o barato, não dá vontade de nada. A cabeça fica vazia (adolescente, de 15 anos).

.....
Sou normal, tia. Só quero andar com Ronaldinho¹⁶ de vez em quando, mas sou normal. Todo mundo aqui é normal (jovem de 17 anos).

.....
Ele chegava em casa igual uma fera, aí quebrava tudo, rasgava a roupa no dente, dava pontapé na porta. A gente tinha medo dele (mãe de menino de 13 anos morto por traficantes).

Notas

¹ O Centro de Saúde vizinho ao bairro registrou cinco casos de AIDS em 1997, nessa área.

² Em 1983, a desnutrição aguda era de 53%, com 9% de forma mais severa (Relatório de Estágio, UFBA, 1983). Na avaliação de 1997, em 172 crianças menores de cinco anos, 24% apresentaram nanismo nutricional e 30% algum grau de desnutrição aguda. Dessas, 7% eram mais graves, pelo indicador peso/altura, que mede a desnutrição do momento. Este diagnóstico teve a participação da professora Lílian Ramos da UFBA.

³ *Crack*, ou a resina da cocaína, é vendido sob o formato de uma pedra pequena, semelhante ao sebo de vela, do tamanho de uma falange do dedo indicador, ou ainda menor. O preço varia com o tamanho e é regulado pelo tráfico.

⁴ “Ninguém tem sossego na madrugada da favela”. RAP de Adriano, Fabiano, Jonilson, Cícero e Gustavo: Péla, Salvador, março de 1998.

⁵ Para Mariza Corrêa, as organizações familiares no Brasil apresentam, ademais da ordem patriarcal nas relações conjugais, também a coexistência de variadas formas alternativas de organização que se alastram após o período industrial. A autora chama atenção para a complexidade do tema, e discute as interligações entre modelos antigos e modernos dentro das organizações familiares (CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal no Brasil. In.: *Colcha de retalhos - estudos sobre a família no Brasil*. 3a. Edição. São Paulo: Ed. UNICAMP; pp. 43-60).

⁶ Cisma quer dizer “desconfiança, suspeita ou receio supersticioso” (FERREIRA, 1974 p. 331), e calundu, do Kilundu, refere-se ao “ente sobrenatural que dirige os destinos humanos” e, “entrando no corpo de uma pessoa torna-a triste, nostálgica, mal humorada” (*Idem*, p.258) Também, significa, “amuo, melindre, aborrecimento” (*Idem*, p. 101).

⁷ Os traficantes mais jovens são conhecidos como “cachorros”, cujo termo para eles significa confiança, fidelidade, os que guardam o lugar ou o ponto. E “Menino” ou “Aviãozinho” são em geral os menores, que podem correr pelo bairro sem que sejam suspeitos.

⁸ Sobre este aspecto, vale conhecer a contribuição de Paulo PENA, sobre as várias esferas conceituais do trabalho. (PENA, P. et al. *Relação trabalho e saúde: tópicos iniciais*. FAMED/UFBA, 2002).

⁹ Cf. Edmund Leach, não são considerados animais comestíveis aqueles próximos ao homem. Comê-los se configura como um sacrilégio no sistema social de vários países (LEACH, E. *Antropologia*. São Paulo: Ática. Trad. Alba Zaluar Guimarães, 1983. p. 190).

¹⁰ A desnutrição é uma disfunção provocada pela deficiência de nutrientes essenciais ao corpo, que compromete o crescimento e o desenvolvimento da criança e também o aparelho imunológico em qualquer idade (WATERLOW, J.C; ALLEYNE, G. *Má nutrição protéica em crianças - evolução dos conhecimentos nos últimos dez anos*. São Paulo: Anais Nestlé, 1974. p.16).

¹¹ Em geral, a desnutrição é diagnosticada pela antropometria. Os valores encontrados representam maior gravidade desta enfermidade quando situados abaixo do percentil 3 (estabelecendo-se o início da patologia quando os valores estão abaixo do percentil 10); também, para a fase mais grave, observam-se as medições concernentes ao que se denomina *z-score* ou *desvio padrão* -2, da tabela de referência mencionada, para os índices correlacionados entre peso, altura e idade da criança (OMS/NCHS. *Medición del cambio del estado nutricional*. Ginebra, 1983).

¹² Cf. Francisco Grande, no campo cultural, há diferentes conceitos de obesidade e sobrepeso nos grupos sociais. Essas distinções devem servir como contribuições para o processo terapêutico quando compreendidos pelos especialistas (GRANDE, F. *Body*

weight, composition and energy balance. In.: Nutrition reviews', *op. cit.* pp.7-17).

¹³ Ao tomar esse e outros exemplos, lembramos a análise de Ângela Mendes de Almeida, sobre a origem da família patriarcal no Brasil. A autora se refere a essa família como “uma espécie de matriz que permeia todas as esferas do social: a da política, através do clientelismo e do populismo; a das relações de trabalho e de poder, [...] e as próprias relações interpessoais [...] que desrespeita a privacidade e a independência do indivíduo. [...] Além disso, a matriz da família patriarcal, com sua ética implícita dominante, espalhou-se por todas as formas concretas de organização familiar ...” (ALMEIDA, A. Notas sobre a família no Brasil. In.: *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. ALMEIDA, A. [org.], Rio de Janeiro: Espaço e Tempo - Ed. UFRJ, 1997: 53-66).

¹⁴ Neste caso, gato significa a luz elétrica que vem de outros, e por isso não é paga pelo usuário.

¹⁵ *Remorso por qualquer morte*. Jorge L. Borges.

¹⁶ Ronaldinho (craque do futebol) é o termo usado para dizer *crack*, droga.